





Esopete RediVivo,

Ou, VIDA &

FABULAS

Do insigne, prudente, & gracioso
FABULADOR,

Esopo Frigio, de Grecia.

Recolhidas, Acrecentadas, Traduzidas & com breves Aplicaçoens Moraes illustradas,

Por MANUEL MENDEZ da Vidigueyra.
Impressas em Lisboa no A. de 1643.

E agora de novo, nesta ultima Impressaõ diligentemente revistas & emmendadas, para uso proveitoso & honesta recreaçaõ de todos,

Pelo P. JOAÕ FERREIRA A. D' ALMEIDA.

Primeira parte.

Em BATAVIA,
Com todas as Licenças necessarias.

Por *Pedro Walberger*, Impressor.
Anno 1672.

PROVERB. 3: 1. 4.

Omnia tempus habent.

Tempus flendi, &
Tempus ridendi.
Tempus plangendi, &
Tempus saltandi.

Tudo tem, & a tudo
se deve dar, e ha de permitir
Seu Tempo.

Pois, como o ha de chorar;
Assi o ha tanbem de rir;
E, como o ha de prantear,
O ha tanbem de a folgar ir.

Optima est Ars,
Quæ, delectando, docet; &,
Docendo, delectat.

Optima &, de aprender, digna
He a Arte (& assi se crea)
Que, recreando, ensina;
E, ensinando, recrea.

A os Nóbres
E
Muy Primorosos, Doctos, Prudentes, Discretos, & Honorificos Senhores,

Os Senhores:

CORNELIO SNOUCK, *Advogad[o] Fiscal da India, em Terra.*
PEDRO PAEW, *Advogado Fisca[l] da India, no Mar.*
JACOBO CAESENBROOT, *Balhu[o] Corregedor da Cidade.*
VICENTE VAN MOCK, *Land-Drost Corregedor dos ó Redores.*

NOBRES SENHORES;

COMO per experiencia tenho alcançado que nossos Cidadaõs e mais Moradores de Batavia, que outra Lingua naõ entendem senaõ a Lusitana, poucos ou quasi nenhuns bons Livros impressos nella tenhaõ, para o tempo, que de sobejo tem, alguãs vezes em honesta e proveitosa recreaçaõ poderem passar; Pareceu me naõ lhes seria, para este fim, de pouco

A 2 pro-

proveito o mandar eu tanbem na mesma Lingua imprimir aqui a exemplar vida & moraes Fabulas do grande & celebre Fabulador *ESOPO*, agora de novo, nesta ultima Impressaõ, taõ diligentemente revistas e emmendadas, que espero nenhuã necessidade teraõ de em nada ceder a alguã das precedentes. O que, porem, naõ quis fazer, senaõ enviandoas primeiro apadrinhadas com esta Dedicatoria e carta de Recomendaçaõ a V. M. S. para que, á sombra de taõ bons Padroeiros, mais afoitas possaõ sair a luz, & neste Novo Mundo aparecer com maior e mais segura confiança. Com a mesma as offereço tanbem muy reverentemente a V. M. S. como a aquelles a quem taõ obrigado me sinto, pelo muito primor, affeiçaõ, e benevolencia que, para comigo, em V. M. S. tantas vezes tenho experimentado. Pedindolhes humilmente sejaõ servidos de, segundo sua costumada affabilidade, benevolamente as quererem aceitar; Naõ tanto attentãdo para a escasseza da offerta como para ó grato animo, boa vontade, e sincera affeiçaõ com que as dedico, offere-

re-

reço, e apresento a V. M. S. Cujas nobres Pessoas, acompanhadas de todos os bens corporaes e espirituaes, Deus nosso Senhor guarde largos, prosperos, e felices annos; Como de veras lhes deseja aquelle que he, e sempre ha de ser

De V. M. S.

Muy affeiçoado & humilde Servo em Christo,

JOAÕ FERREIRA A. D' ALMEIDA.

Batavia o 1. de Mayo de 1672.

PROLOGO.
A O LEITOR.

OS que geralmente condenam por tempo mal gastado, o que se despende em lér, ou escrevér fabulas, não fazem mais que descobrír sua fraqueza, & ignorancia; pois não alcanção, nem entendem o fim a que ellas saõ ordenadas. Porque os que primeiro philosopharão, pera moverem a gente ruda a ouvir sua doutrina, davãolha, como pirolas douradas, encuberta debaixo destes fingimentos. Da qui nasceo, que de Orpheo dizião, que atrahia com sua musica as arvores & os brutos; & que Amphion com o som da Viola edificava os muros de Thebas. Os Egypcios, & Caldeos, falavão antigamente por parabolas; & todos os Doutores se deleitavão muito com palavras alegoricas. Aristoteles affirma (& delle o trazẽ graves Autores) que as fabulas se inventaraõ pera os homens fugirem dos vicios, & seguirem as virtudes. Esta opinião seguio tanbẽ S. Agostinho nos livros da Cidade de Deos, & no vigesimo, contra Faustino, moralizoũ muitas; como tanbem o Tostado sobre Eusebio,

&

& Sancto Isidoro no onzeno das Ethimologias. Estando logo esta verdade tam bem fundada, quis eu seguilla; & juntamente o conselho a que Horacio dà a palma, a saber, Misturar o doce com o proveitoso. O doce, saõ as fabulas; o proveitoso, suas significaçoens, que saõ a flor e o fructo do engenho de Esopo. Quem for affeiçoado á fermosura da flor, contentese com ler as fabulas. Quem quiser aproveitarse do fructo, veja só as Moralidades. Mas de meu parecer, lea humas & outras; que fabulas honestas sam passatempo sem prejuizo, & mestras da vida humana.



VIDA E FABULAS

Do famoso Fabulador ESOPO, de novo traduzidas, & acrecentadas,

POR MANUEL MENDEZ DA VIDIGUEIRA.

COMEÇA A VIDA.

ESOPO, Fabulador antigo e famosissimo, segundo as mais opinioens, foi natural de Frigia, Provincia de Asia, nascido em huma aldea por nome Amoni; as feiçoens do corpo, eraõ mais monstruosas, que humanas: por que alem de ter o rosto feo e disforme, era zambro, corcovado, e de corpo pequeno, a cabeça grande fora de proporçaõ, e sobre tudo tartamudo. Mas como a natureza a cada hum deu particular dote, foy Esopo dotado de taõ agudo ẽgẽho que cõ a alteza delle se lhe pagaraõ

garaõ

rão bastãtemẽte todas as faltas corporaes. Sendo cativo por Gregos, veo a Athenas, onde servia a hum cidadão rico, por nome Aristes, com outros em huma orta, de a cavar, e adubar; onde como todos o maltratassẽ (cá de todos era desprezado) e o maioral dos trabalhadores lhe desse muitas pãcadas, queixavase Esopo, dizẽdo que faria queixume daquelle agravo a seu Senhor Aristes, & doutros crimes que no maioral tinha notado. O qual com este medo se adiantou, & persuadio a Aristes, que pera quietação de seus escravos tirasse a Esopo de antre elles, & que o vendesse. Fello Aristes assi, & vendeu o a hum mercador grosso forasteiro, que alli mesmo residia; o qual o levou a huma casa onde tinha outros muitos, que quando o virão, tiverão asco de andar em sua companhia. Hum dizia, que era bom aquelle escravo para fazer calar meninos; outros que pera servir em casa de homem cioso, & outras muitas cousas desta maneira. A caso mandaram, em presente, ao mercador, hum prato de figos fermosos, que elle esti-

eſtimou por ſerem fora de tempo, & mandou os pór a bom recado, pera comer em principio de jentar. Tres eſcravos tentados da gula ſe conjurarão para comerem os figos, & pórem a Eſopo a culpa, crendo que culpado por tres teſtimunhas, não poderia defenderſe. Aſſi os comerão, com muita feſta, zombando do pobre do innocente, que com açoutes os avia de pagar. Chegada a hora de comer, pedio o Senhor os figos; & foilhe reſpondido (como tinham concertado) que Eſopo os comera todos. Indinouſe o Senhor, & chamandoo, lhe diſſe: Animal feo, & bruto, que atrevimento foy o teu comeres os figos que mandei guardar pera mim? & com iſto o mandou deſpir pera ſer açoutado. O pobre de Eſopo não ſabendo que fizeſſe, porque a lingoa naõ o deixava deſculpar em breve, & a colera do Senhor não dava tregoas nem eſpaço, remete com huã panella de agoa, que a caſo eſtava ao fogo, & bebẽdo cãtidade della muito quẽte, meteo os dedos na boca, cõ que ſe lhe revolveu o eſtamago, e a tornou a lançar cla-

clara, mostrãdo assi estar em jejum; cõ o qual feito desmentio seus acusadores. Maravilhado o Senhor desta industria, e vendo sua innocencia, obrigou os outros, a que fizessem o mesmo, que como se comprisse, os que comeraõ os figos, os vomitaraõ cõ a agoa juntamẽte, e foraõ por isso, e pelo falso testimũho, muy bẽ castigados.

Convinha a o mercador partirse dalli tres jornadas, onde se avia d'ẽbarcar pera a Ilha de Samo; e faltandolhe bestas de carga, foi forçado a repartir o fato pelos escravos. Mas como Esopo era pequeno e fraco, deulhe a escolher o cargo que se atrevesse a levar. Era o mais pesado fardo de todos, hũa canastra grande chea de mantimento, a qual elle escolheo, rindose todos, e cuydando que nam poderia levalla. Partiraõ seu caminho, e como no fim da primeira jornada comessem, aliviaraõ bom pedaço a canastra, com que ficou igual dos outros. Mas ao segundo dia a despejaraõ de todo, e levandoa vazia, conheceraõ todos cadahum seu erro, e a manha discreta com que Esopo escolheo

a carga. Embarcouſe o mercador, e chegou a Samo, onde pós ſua fazenda em almoeda, & os eſcravos juntamente. Eſtàva em huns alpendres, onde a feira ſe fazia, Eſopo cõ dous cõpanheiros; & como ninguem fazia delle caſo pera o comprar, ĩda que muitos para elle olhavaõ por riſo. Chegou hum Cidadão,& perguntou a hũ dos companheiros, que ſabia fazer? pera o comprar. Reſpondeolhe, Senhor, tenho muytas artes: Sey muy bẽ pẽſar cauallos, e ſervir em tudo o da caſa; ſou grande ortelão, & bõ lavrador, & em toda a couſa do campo, ninguem me farà ventajem; tanbem ſou bom ferrador, alveitar, & entendo de ferreiro. Com iſto chegou aó outro, & perguntoulhe o meſmo; reſpondeó: Eu, Senhor, ſou deſtro em todas as couſas neceſſarias, & nenhũa me mandarão fazer, a que naõ dé bom expediente. Correndo mais a diante, perguntou a Eſopo, que ſabia? Reſpondeo; Eu nada ſey, por que como meus parceiros tomarã o ſaber todo, nã me ficou que ſaber a mim. Diſto rirão muito todos os preſẽtes; e hũ Philo-

ſopho,

-sopho, por nome Xanto, que alli passeava, o cõprou, e levou pera sua casa. O qual como hũ dia, com seu novo escravo, fosse passear por huma orta, o ortelam lhe fez esta pergunta: Dizeime, Senhor, que rezam ha pera que creçam, e sejam sempre viçosas as ervas que esta terra cria; & as que eu semeo, cavo, rego, & adubo, se murchem mais prestes, & frutifiquem menos? Ficou atalhado o Philosopho, & não soube responder. O que Esopo vendo, lhe disse de parte, que elle satisfaria a pergunta; por tanto, que lhe cometesse o cargo de dar a reposta. Então disse o Philosopho contra o ortelãõ: Nam he duvida essa pera se pór a hum homem como eu; este escravo que aqui vem responderá a ella; & logo lhe madou que respondesse. A razão da duvida (disse Esopo) he esta: As ervas que a terra voluntariamente produz, saõ filhas suas, & como taes as cria, & conserva; as que vós semeaes, sam enteadas, que a madrasta nunca com tanto gosto alimenta: por tanto nam he de espantar se nos proprios filhos se ẽxerga vẽtaje no animo, e e s-

cassesza

casseza na criação dos éteados. Satisfezse o ortelão, e espantouse o Philosopho do engenho & agudeza do criado. Tinha Xanto muitos discipulos homens graves, & costumavão huns a outros banquetearse. Quis Xanto darlhes hum banquete; & porque tinha a molher aspera, e pouco affeiçoada a obedecerlhe, né ainda no agaialhar dos hospedes, despois de cõprar o necessario, encarregou a Esopo do concerto da casa, e mesa. Acõteceo pois que chegãdo se as horas da cea, começou elle a preparar seu aposento, & com muita limpeza ordenou a mesa, & pos nella algũas cousas, antes que os convidados nem seu amo viessem. Era ẽtaõ o tẽpo frio, & avia na casa hũ braseyro grande com fogo, a que a molher chegou a aquentarse, carregada & de mao sẽblante, & encostouse ao lõgo delle, cõ as coftas pera a mesa. Esopo lhe pedio, quisesse olhar hũ pouco para ella, naõ lha descõpusesse algum cam, ou algũ gato. Disse ella, que o faria. Segunda véz lhe rogou o mesmo, e que virasse o rosto pera ver; do que ella indinada, respondeo, que anda

dasse em mà ora, e naõ fosse importuno; que tanbem tinha olhos de tras. Calou Esopo, foise, e tornando dahi a pedaço, como a achasse dormindo, mansamente descubrio o lugar em que ella disse, que os olhos estavaõ. Naõ tardou muito Xanto com seus hospedes, que entrando no aposento viram muito bem quam mal composta a molher estava, e ficou afrontado o Philosopho. E perguntando a causa a Esopo, elle lhe contou o que passava, de que se indignou mais; e acordada a Senhora, se foy muito vergonhosa, e com grande odio contra Esopo. Corridamente agasalhou Xanto seus discipulos, e logo propos de lançar de casa a Esopo; mas sendo convidado delles outra vez, e ceando largamente, como se esquentasse com o vinho mais do necessario, começou a falar demasias, e antre elles affirmou, que beberia o mar todo; Contrariarão os discipulos, e elle perfiou tè que apostaraõ grande soma de dinheiro, e Xanto deu de final o seu anel. E ao outro dia, resfriado jà do furor achou o anel menos, e pergun-

guntou por elle. Respondeo Esopo; como Senhor, naõ vos lembra que o destes ontẽ de sinal sobre a aposta que fizestes de beberdes o mar todo? Como he possivel (disse Xanto) que eu fizesse tal aposta, ou quem pode beber o mar? Isso não sei eu (disse Esopo) mas vos apostastes. Ficou Xanto confuso da aposta que fizera, sem lhe poder achar saida, atè que Esopo, vendoo tão triste, lhe disse: Senhor, nam vos agasteis, descansai, que eu vos tirarei dessa affronta, & farei que ganheis o preço. Alegrouse, com isto, Xanto; & vindo o dia limitado, vem os discipulos a dizer lhe que comprisse o em que ficara, ou dandose por vencido, pagasse o preço? Xanto respondeo que era contente, e informado por seu escravo do que avia de fazer, se foy cõ elles â borda do mar, õde poserão mesa, e copos. Estãdo ẽ roda a gẽte toda da Ilha, que se abalou a ver maravilha, tamanha, como era querer hum homem recolher o mar em seu estamago; e prestes tudo o necessario, começou Xanto a falar ao povo, dizendo: Varoẽs de Samo, eu apostey

com

com estes discipulos, que avia oje de beber este mar todo; respondão elles se he verdade, & se bebendoo eu, cumprirei o prometido, & elles se daráõ por vencidos? Todos responderão, que si. Disse então Xanto; Pois que assi he, & eu fiquei de beber o mar, prestes estou a comprillo: mas elles hão de cerrar primeiro todos os rios que neste mar entram, & entupirlhe as bocas, por que eu me obriguei a beber o mar, mas naõ a multidaõ de rios, que nelle entra. Por tanto, se querem que eu cumpra o em que fiquey, he forçado que elles primeiro impidaõ a corrente de quantos rios fazem para aqui seu curso. Naõ souberaõ responder os discipulos a isto; & o povo louvou muito a repôsta do Philosopho, & todos o deraõ por livre da aposta, & tornou pera casa mais acreditado, que de antes. Outros muitos casos succederaõ a Esopo com Xanto, que deixo por brevidade, até que veio a ser livre, e a governar a Samo; onde compos, em lingua Grega, este volume de Fabulas, com outras muitas obras, que ainda naõ foraõ traduzidas.

Mas se esta agradar, presto sairaõ a luz. Despois, como o Rey Cresso, de Lydia, quisesse conquistar a Samo, por seu conselho & industria, se defenderão os Islenhos muito tempo. Porem vendose muito apertados, e que Cresso lhes offerecia paz, se lhe entregassem a Esopo, derãolho; ainda que Cresso não guardou depois a palavra, como Esopo antes bẽ lho tinha adevinhado, e logo os pós ẽ sugeição. Naõ quis Cresso matar a Esopo, antes o tinha em sua casa favorecido, porque se ajudava muitas vezes de seu conselho, e habilidade. Costumavase naquelle tempo, nas partes Orientaes, mandarem os Reys hũs a os outros enigmas, ou adevinhaçoẽs, as quaes senã declaravã, ficavã seus tributarios. E jà, por amor de Esopo, cuja fama era bẽ cõhecida, ninguẽ ousava mandar a Cresso alguã. Com tudo, o Soldaõ de Babylonia lhe mandou huã, confiado em sua difficuldade. Veio pois hũ Enbaixador, & disse lhe: O Soldaõ de Babylonia, meu Senhor, te manda dizer, que lhe des hũ official, que lhe faça huã torre com o alicerce

nas

nas nuvẽs, e que vá crecendo para baixo, e ſe iſto naõ podes, ou naõ ẽtẽdes, lhe mãdes o tributo, cõforme a noſſa uſança. Paſmou el Rey da pergũta! Os Sabios de Lydia todos emmudeceram! Porem Eſopo ſe offereceo a Creſſo, que elle o faria. E el Rey, com grandes promeſſas, o mandou com o embaixador. Chegado a Babylonia, de pois de repouſar, pareceo ante o Soldaõ, & da parte del Rey Creſſo lhe requereo, que lhe asſinalaſſe o lugar onde a torre queria? Foylhe moſtrado, junto da Cidade, ao longo do Eufrates. Recolheuſe Eſopo, e mandou fazer huã arca de madeira, pequena & quadrada, que tinha nos quatro cantos quatro cadeas, e a cada huã eſtava preſo hum buytre; tinha tanbem em cada canto huns encaixes, em que podia meter huã aſtea. Iſto mandou levar ao cãpo, em dia aſſinalado; e á viſta do Soldaõ e da mayor parte da Cidade, ſe pos ẽ pè dẽtro no caixaõ, que naõ tinha tãpaõ, e nos ẽcaixes dos cãtos levãtou quatro eſpetos, cada hũ cõ ſeu pedaço de carne: logo os buitres, por alcãçalo, começaraõ a voar, e

a levantar juntamente a caixa, a que estavão presos; e como não chegavão á carne, voaraõ tãto, que é pouco tẽpo se vio Esopo muito alto, e entre as nuvẽs. E logo de là, com grandes brados, começou a pedir a o Soldão, que lhe mãdasse pedra e cal, e começaria o alicerce ; mas não avia quem lha levasse. Pelo que (despois de fazer bastantes requerimentos e protestos) tirou os espetos da carne, e os dependurou do caixam para baixo, por onde os buytres logo se abaterão pera a tomarem, e o poseraõ em terra. Deuse o Soldam por vencido; &, quando quis, o deixou tornar a Lydia, com tributo para o Rey Cresso, que o recebeo muito bem, vendose por sua industria mais honrado. Viveu Esopo em Lydia muito favorecido, & despois correo toda Grecia, onde lhe succederam varios casos, que aqui se não contaõ; mas em todas as partes, por sua fama e sabedoria, o veneravão e sahião a receber. Só em Delphos não usarão com elle esta cortesia e primor: & conhecendo ter errado, porque elle não os afrontasse, infamandoos,
&

& divulgando em toda Grecia ſua deſcorteſia, determinarão matalo, & acrecentando hum mal a outro, lhe levantaram certo falſo teſtimunho, por que o condenaraõ a ſer derrocado. E com muyta brevidade, ſem lhe valer alegar ſua innocencia, foy poſto ſobre o cume de hũa alta rocha, & lançado dalli, chegou a baixo feyto em mil pedaços. Todas as cidades Gregas, & mais Republicas, ſentiraõ muyto ſua morte; & pouco tardou o caſtigo do ceo, pois logo tanbem, muy pouco deſpois, foy Delphos deſtruida, em vingança (ſegundo dizem) de tamanha Injuſtiça, Trayçaõ, Crueldade, & Tyrania.

Começaõ as

FABULAS.

FABULA PRIMEIRA.

Do Galo, & da Perola.

ANdava o Galo esgravatando no monturo, pera achar migalhas ou bichinhos que comer: & acertando de descobrir huã Perola, disse entaõ: O Pedra preciosa! ainda que em lugar çujo, se agora te achara hum discreto Lapidario, com quanto gosto te estimara, & recolhera! mas a mim naõ me prestas: q mais caso faço de hũa migalha q busco pera meu sustento, ou de algũs graõs de cevada, cõ que encho o papo. Dito isto, a deixou, & foi por diante esgravatando o chaõ, pera buscar cõveniente mantimẽto.

Moralidade.

OS nescios desprezando os documentos proveitosos & doctrina moral, que debaixo das Fabulas se encobre, fazem o que fez

fez este Gallo: buscaõ cousas baixas, cevada & migalhas, convem a saber, a casca das cousas, & as historias deste Livro, & desprezaõ a pedra preciosa da doutrina, que nellas Esopo nos quis ensinar. Saõ como os namorados de Penelopole, que deixavaõ a senhora, & se namoravão das criadas. Pera que nós naõ sejamos do numero destes, vamos de cada Favula tirando huã liçaõ moral, tocante ao bõ governo de nossa vida.

Do Lobo, & do Cordeiro.

EStava bebendo hum Lobo, encarniçado, em hũ ribeiro de agoa; e pela parte de baixo chegou hum Cordeyro, tanbem a beber. Olhou o o Lobo de mao rosto, & disse, reganhando os dentes: Porque tẽs tanta ousadia, que me vẽs turbar a agoa, a onde eu estou bebendo? Respondeu o Cordeiro, com humildade: A agoa corre pera mim, por tanto naõ posso eu turbarvola. Torna o Lobo, mais colerico, a dizer: Por isso me has de praguejar? Seis meses avera que me fez outro tanto teu Pay! Respõdeu o Cordeiro: Nesse tẽpo, senhor, ainda eu naõ era nascido, nẽ tenho culpa.

Si tẽs, malino! replicou o Lobo, que todo o pasto de meu campo estragaste. Mal pode ser isso, disse o Cordeiro; porque ainda não tenho dentes. O Lobo, sem mais razoẽs, saltou sobre elle, e logo o degolou, e o comeu.

Moralidade.

Claramente mostra esta Fabula, que nenhũa justiça, nem razoẽs valẽ ao innocente, pera o livrarẽ das mãos do inimigo poderoso e desalmado. Poucas Cidades nem Villas ha, onde não aja estes Lobos; que, sem causa nem razão, matão ao pobre, e lhe chupão o sangue, só por odio, ou mà inclinação.

Do Lobo, & das Ovelhas.

AVia guerra travada entre Lobos e Ovelhas: e ellas, ainda que fracas, ajudadas dos Rafeiros, sempre levavão o melhor. Pedirão os Lobos paz, com condição, que darião de penhor seus filhos, e as Ovelhas tanbem lhes entregassẽ os Rafeiros. Assentada a paz, com estas condiçoens, os filhos dos Lobos huyvavão rijamente; acodem os pays, e tomão isto por achaque de ser a paz quebrada, e tornão a re-

remover a guerra. Bem quiserão, entaõ, defenderse as Ovelhas; mas como sua principal força consistia nos Rafeiros, que entregarão a os Lobos, facilmente forão delles vencidas, e todas degoladas.

Moralidade.

ENsina esta Fabula, que ninguem entregue as armas a seus inimigos; antes tenha a paz por suspeitosa quando, com capa della, lhas pedem: e recee de ser tomado ás mãos, como Ovelha. Tanbem nos avisa, quanto perigo he meter em casa inimigos, nem filhos de inimigos; como fizerão as Ovelhas, que querendo estar mais seguras, com verẽ os filhos dos Lobos ẽ casa, elles mesmos forão a causa de sua destruição.

Do Rey dos Bogios, com dous homẽs.

CAminhavão dous companheiros, tendo perdido o caminho; & despois de terem andado muito, chegaraõ á terra dos Bogios. Forão logo levados ante o Rey, que vendoos, lhes disse: Na vossa terra, e nessas por onde vindes, que se diz de mim, e do meu Reyno? Respondeu hum dos companheiros: Dizem que sois Rey gran-

de, de gente ſabia, e luſtroſa. O outro, que era amigo de falar verdade, reſpondeo: De toda voſſa gente ſe diz, que ſam Bogios irracionaes, & aſſi forçado he, que tanbem o Rey ſeja Bogio. Como iſto ouvio o Rey, indignouſe muito, & mandou que mataſſem a eſte, e que ao primeiro fizeſſem muitos mimos, & o trataſſem e regalaſſem muito bem.

Moralidade.

VErificaſe neſta Fabula o que diz Terencio, que a verdade cauſa odio, & falar á võtade ganha amigos. Cõ o Rey e homẽ neſcio, naõ medraõ ſabios nem virtuoſos; ſenaõ chocarreiros, & liſongeiros: & daqui vem no mundo, que de ordinario os bons ſaõ ſopeados, & obedecẽ aos maos. Que o Rey e homẽ Bogio, tem odio a quem o deſengana: & o que mente, como a qui fez o primeiro companheiro, eſſe ſó he delle favorecido.

Da Andorinha, & outras Aves.

SEmeavaõ os homens linho, & vendoo a Andorinha, diſſe a os outros Paſſaros: Por noſſo mal fazem os homẽs eſta Seara, que deſta ſemente nacera linho, &

faraõ

farão delle redes, e laços pera nos prenderẽ. Melhor será destruirmos a linhaça, e a erva que della nascer, pera que estejamos seguras. Rirãose as Aves deste conselho, e não quiserão tomalo. O que vendo a Andorinha, fez pazes com os Homens, e se foy a viver em suas casas. E elles fizeram redes, e instrumentos de caça, com que tomarão e prẽderão todos os passaros, tirando só a Andorinha, que ficou privilegiada.

Moralidade.

NA Andorinha se denota o homem prudente, que fica livre dos trabalhos, se os adevinha ãtes que venham: e que os que querem viver a seu gosto, sem tomarem conselho, nem proverem ao mal, que està por vir; vem a cair na rede, & são caçados, & pagão assi sua ignorancia pelo corpo.

Do Rato, & da Rãa.

DEsejava hũ Rato de passar hũ rio, e temẽdo, por não saber nadar: pedio ajudo a huã Rãa, a qual se offereceo a o passar, se se atasse a seu pé. Consentio o Rato, e tomando hũ fio, se atou, per hum pé, a huã põta delle, & cõ a outra juntamẽte a o

da

da Rãa Saltàraõ, entaõ, ambos na agoa; mas a Rãa, com malicia, trabalhava por se mergulhar, paraque o Rato se afogasse. O Rato, a o contrario, fazia por sahir para fora, e ambos andavão assi lutando neste trabalho e fadiga. Acertou, ẽtaõ, de ir por alli voãdo hũ Milhano, q̃ vẽdo o Rato sobre a agoa, se abàteo polo levar, e levou jũtamẽte a Rãa, que com elle estava atada, e no ar os devorou e comeu a ambos.

Moralidade.

NEsta Rãa, e sua morte, se ve o que ganhaõ os maos, quando armaõ treyção contra quem se fia delles: porque quasi sempre caem no mal que a outrẽ ordenaõ. E se o innocente morre, não escapaõ elles do castigo merecido; que quando se livrarem do temporal, cairaõ depois da morte em outro mais pera temer.

Do Ladram, & Cam de casa.

QUerendo hum Ladraõ entrar em huma casa, de noite, pera a roubar, achou à porta hum Caõ, que com ladridos o impedia. O cauteloso Ladraõ, pera o apaziguar, lhe lançou hum pedaço de paõ. Mas

o

o Caõ disse: Bẽ entendo, que me das este paõ, naõ por amor algũ que me tenhas, mas por que me calle, e te deixe roubar a casa: Porẽ, já q̃ o dono da casa me sustẽta toda a vida, naõ deixarei de ladrar, se naõ te fores, atè que elle acorde, e te venha a estorvar. Porque naõ quero que este bocado me custe morrer de fome toda minha vida.

Moralidade.

QUem se ceva em palavras lisongeiras, ou em dadivas falsas, achase no fim enganado. Mas quem tem por suspeitosas as merçes e palavras do lisongeiro cobiçoso, como este Cam teve as do Ladraõ, naõ se deixa enganar, e sẽpre he leal a o Senhor de quẽ recebe merces, como elle o foy sempre a seu amo.

Do Cam, & da Ovelha.

DEmandou o Cão á Ovelha certa cantidade de paõ, que dizia averlhe emprestado, ou dado na sua mão em deposito. Ella negou avelo recebido. Dà o Cão tres testimunhas, convem a saber, hum Lobo, hum Buytre, & hum Milhano, os quaes todos já vinham com o Cão sobornados, & apostados a jurar em seu favor,

como

como de feito juraraõ, dizẽdo, que elles viraõ receber, á Ovelha, o paõ que se lhe pedia. Vẽdo a prova, cõdena a o juiz a que o pagasse; e como ella naõ tivesse por õde, lhe foi forçado trosquiar o vello, e vẽdelo ante tẽpo. E assi pagou o que naõ comeu, & ficou nua, padecẽdo as neves, e os frios do inverno.

Moralidade.

PArece que jà, no tẽpo que Esopo cõpos esta fabula, adevinhava o que hoje passa ẽ muitos lugares, õde roubaõ aos pobres & fracos as hõras e as fazẽdas, cõ falsos testimunhos de homẽs desalmados, cõjurados ja pera roubarẽ o alheo. Que ẽ nenhũ lugar, cõtra homẽs & ovelhas, faltaõ Lobos, & Milhanos, que os dispam & lhes chupẽ o sãgue.

De Cam, & da Carne.

LEvava hum Cam na boca hum pedaço de carne: e passãdo cõ ella hum rio, & vẽdo no fũdo da agoa q̃ a sõbra da carne era maior, soltou a que levava nos dẽtes, por tomar a que via dentro na agoa. Porẽ como o rio levou pera baixo, com sua corrente, a verdadeira; levou tanbem a sõbra, & ficou o Caõ sem a huma, e sem a outra.

Moralidade.

Este

Este Caõ significa o cobiçoso, que muitas vezes, por aver maiores interesses, arrisca o seu, e perde tudo. Por õde diz muy bẽ o Proverbio, Mas vale paxaro en mano, que Buitre bolando. Mais val hum passarinho na maõ, que mil què pelo ar voando vaõ.

Da Mosca sobre a Carreta.

SObre hum carro de mullas, carregado, pousou hũa mosca; e achou se taõ altiva de taõ alta yr a seu gosto, que começou a fallar soberbas contra a mulla, dizendolhe, que andasse depressa, se naõ que a castigaria, picandoa aõde bẽ lhe doesse. Virou a mulla o rosto, dizẽdo: Calate, parvoa e sẽ vergonha, que naõ te temo eu ati, nẽ tu me pòdes fazer a my nada. O medo que me cansa, he o do carreteiro, que leva na maõ o açoute; què tu, só com importunaçoẽs me podes cansar, sem outro mal algum me poderes fazer. Moralidade.

MOstra esta fabula a natureza de algũs, q̃ naõ tẽ mais q̃ lingua; e cõ ella porfiãdo e cõtradizẽdo, cãsaõ e ĩportunaõ a todos. Querẽdose, assi, mostrar de muito negocio e importãcia; e que elles sós saõ os que valẽ, podẽ, e sustẽtaõ todo o peso da Republica.

Do

Do Cam com a Imagem.

BUſcando de comer o Caõ, acertou de achar huma Imagem de homẽ, muito aprimorada & bem feita, de papelão, com cores vivas. Chegou o Caõ a cheyrar, por ver ſe era algum homem que dormia. Deſpois deulhe com o focinho, e viu que ſe rebolava; & como naõ quizeſſe eſtar queda, nem tomar aſſento, diſſe o Cão: Por certo, que a peça he linda, mas o mal he, que não tem miolo.

Moralidade.

IMagem pintada he o homem, ou molher, que ſó dos atauios de ſeu corpo trata; & não procura ornar a alma, que he muito mais precioſa. Notaõſe, neſta Fabula, as peſſoas, cujo cuydado todo ſe emprega em affeites, & cores ſuperfluas; & que de fora ſaõ fermoſas, mas na cabeça lhes falta o miolo, & no proceſſo da vida o ſoſſego, & a quietaçaõ.

Do Leaõ, Vaca, Cabra, & Ovelha.

FIzeram parçeria hum Leam, huã Vaca, huma Cabra, & huma Ovelha, para que caçaſſem de maõ commum, & repartiſſem o ganho. E correndo aſſi, ſobre

eſte

este concerto, acharão hum Veado; & desspois de terem andado e trabalhado muyto, o mataraõ. Chegando entaõ todos cansados e cobiçosos da presa; & fazendoa em quatro partes iguaes, tomou o Leam a huã, e disse; Esta he minha, conforme ao concerto; estoutra me pertéce, por ser o mais valente; e tanbem tomarei a terceira, porque sou Rey de todos os animaes; & quem na quarta se atrever a querer bolir, tenha se por meu desafiado. E assi as levou todas; & os parceiros se acharaõ enganados, e com agravo. Mas sofreraõ o por, na força e no animo, ao Leaõ serem desiguaes.

Moralidade.

PArceria e amizade, querse entre iguaes, & o casamento tanbem; conforme a o Philosopho, que o mandou aprender dos mininos, que diziaõ, brincando: Cada qual com seu igual. Porque quem trava amizade cõ maior, fazse escravo seu, álhe de obedecer, e em tudo agradar; ou, quando naõ, perder, pelo menos, a ja travada amizade. Na qual o trabalho e a canseira, sempre he do mais pobre & do mais fraco; & a honra e o proveito, do mais rico & poderoso.

C Do

Do casamento do Sol.

DIzem que em certo tempo desejou o Sol de se casar. E que todas as gentes, agravadas disso, se foraõ queyxar a Jupiter, dizendo, que no Estio trabalhosamente sofriaõ hum Sol, que com seus rayos os abrasava. Donde infiriaõ & provavaõ, que se o Sol se casasse, & viesse a ter filhos, queimaria o mundo todo. Porque hum Sol faria Veram calmoso na India, outro em Grecia, & outro na Noroega e Terras Septentrionaes. Peloque, sendo todas as tres Zonas torridas, naõ teriam as gentes onde viver. Visto isto por Jupiter, mandou ao Sol, que em maneira nenhuã se casasse.

Moralidade.

TOdos os homens tem obrigaçaõ de estorvar que, em maneira nenhũa, se multiplique o numero dos maos e desalmados, & que desaforadamente fazem agravos a seu proximo: como nesta Fabula, se finge que era o Sol. E devem pedir a Deos que os emmende, ou os tire do mundo: & dar favor à justiça, para que a todos os possa castigar.

Do

Do Homem, & da Doninha.

HUm Homem, que caçava Ratos, prédeo na armadilha huma Doninha, ella, vendose em seu poder, lhe disse, que a soltasse. E allegou, por razaõ, que ella nenhũ mal lhe fazia: antes lhe alimpava a casa de ratos, e bichos. & que sempre, por lhe fazer bem, os andava matando. Respondeu o Homem: Se tu, por me fazer bem, o fizeras, devia te eu agradecimento. Mas como só o fazes polos comer, naõ te dovo nada, antes te quero matar: que, se elles te faltarem, comer me as o meu. & o faras ainda muito peor doque o fazêm os mesmos ratos.

Moralidade.

DO que os homens fazem por seu respeito, nenhum agradecimento se lhe deve; que a boa obra ha de ser voluntaria, e naõ a caso, pera que obrigue a quem a recebe. Esta Doninha he como muytos homens, que atè as màs obras que fazem as querem, por boas vender com boas palavras, & que ainda se lhes fiquem a dever. Porem a intençaõ dà á obra os quilates. Quem me deu huã lançada,

por me matar, e com ella me abriu a postema que me matava, naõ foy amigo, posto que me causou saude; porem devo à só a Deos, que, por mão do inimigo, ma quiz dar.

Do Bogio, & da Raposa.

ROgava o Bogio à Raposa, que cortasse a metade do seu rabo, e lho desse, dizendo: Bẽ ves que teu rabo ãda arrojãdo e varrẽdo a terra, e he feo por demasiado; o que delle sobeja, me pode prestar a mim, & cubrirme estas partes que, vergonhasamente, trago descubertas. Antes quero que arroje, disse a Raposa, q̃ varra o chã, & me seja a my pesado, que aproveitareste tu delle. Por isso naõ to darey, nem quero que cousa alguã minha te preste. E assi se ficou sem elle o Bogio.

Moralidade.

SEmelhantes saõ a esta Raposa, todos os envejosos: que deixarão de escarrar, se souberem que a alguem presta o seu cuspinho. E tanbem, todos os avarentos: que nem ainda até do muito, que em sua casa lhes sobeja, querẽ repartir com o pobre, que humilmente lhes mostra sua necessidade; como aqui

qui o Bogio mostrava a sua á Raposa.

De Juno, & do Pavam.

VEio o Pavam a Juno, muyto queixoso, e dizẽdo, que porque razaõ o Rouxinol avia de cantar melhor que elle, e ter lhe outras muytas ventagẽs? Disse Juno, que naõ se agastasse, q̃ por isso tinha elle as penas fermosas, e taõ cheas de olhos, que pareciāo estrellas. Isso he vento (replicou o Pavão) mais tomara eu saber cantar! Juno lhe respondeu: Naõ podes tu ter só tudo! O Rouxinol, tem a voz; a Agvia, a força; e o Gaviam, a ligeireza. Tu, contentate com tua fermosura, que naõ he pequena.

Moralidade.

PRovase, nesta Fabula, o que fica dito no principio da vida de Esopo; que ninguẽ ha taõ deséparado da natureza, q̃ naõ tenha sua graça particular. Que Deos (autor da mesma natureza) criou a todos os homẽs, e por todos elles repartio tanbem differenterentemente seus dons: A hũs faz valentes, & a ourros ligeiros; hũ he bom pintor, outro musico destro, & outro tem seu dom no enten-

entendimento. Ensina, logo, esta Fabula, que ninguẽ se ensoberbeça de graça nenhuã particular, de que de Deus he dotado; nem tenha enveja das boas dos proximos, antes com tudo, & por tudo, dè louvores a seu Deos & Criador, que tantas graças lhe tem concedido & communicado.

Do Lobo, & do Grou.

COmendo o Lobo cárne, atravessou se-lhe hum osso em talmaneira na garganta, que o afogava. Estando nesta agonia, pedio a o Grou, que lhe valesse nella, & que com seu pescoço comprido lha tirasse do papo? Fello o Grou assi, e tiroulhe o osso E estando ja livre o Lobo, pediolhe o Grou alguma parte do muito, que antes se offerecia a lhe dar? Porem o Lobo lhe respondeo: O ingrato, nam me agradeces, que te tivesse metida a cabeça na minha boca, & que podédo apertar os détes, e matarte, o naõ fiz? Nã me peças paga, que bẽ obrigado me ficas, e assaz es de ingrato, em naõ reconheceres tamanho beneficio. Calouse o Grou, e foise muito arrependido do que fizera, dizendo: Nunca mais, por gente roim, meterei eu a ca-

beça, nem avida em ſemelhante perigo.

Moralidade.

DIz Mimo, Publicano, que beneficios feitos a gente perdida, ſam perdidos; & podem contarſe por maleficios. Eu aſſi o entendo, quando puramente naõ ſe fazem por amor de Deos, que a todos tẽ bõ cuidado do os pagar. Homẽ deſagradecido, quãto mais por elle fazeis, tanto mais e mais perdeis. & ainda às vezes tanto de palavra vos carrega e afrõta, que vòs chega a dizer que, naõ elle, mas ſò vos ſois o devedor. Como eſte noſſo Lobo, com o Grou, aſſi o fazia.

De duas Cadelas.

TOmãdo a hũa Cadela dores de parto: & naõ tendo lugar onde pariſſe, rogou a outra, que lhe deſſe a ſua cama & pouſada, que era em hũ palheyro: & que tanto que pariſſe, ſe iria com ſeus filhos. Felo a outra, aſſi, com dó que della tinha. E depois de a primeira aver parido, lhe diſſe a ſegunda, que ſe foſſe embora. Porem a boa da hoſpeda moſtroulhe os dentes, & naõ a quiz deixar entrar, dizendo; que eſtava de poſſe: & que naõ a lãçariaõ dalli, ſenaõ foſſe por guerra, e às dẽtadas.

Moralidade.

MOstra esta Fabula ser verdadeiro o Adagio, que diz: Queres ter inimigo? dà o teu, & pede o. Porque sem duvida, ha muytos homens semelhantes a esta Cadella parida; que vendose alcançados, pedem humilmente socorro, mostrando para isso sua necessidade. Mas depois de terem o alheo em seu poder, reganhaõ os dentes a quẽ lho demanda; & se sam poderosos, ficaõ se com elle.

Do Homem, & da Cobra.

NA força do chuvoso e frio Inverno, viu hum Homem andar huã Cobra taõ fraca e encolhida do frio, que de piedade a recolheu, agasalhou, e alimentou ẽ sua casa, em quanto o frio durou. Mas chegado o Veraõ, começouse a Cobra a estender e desenroscar, pelo que elle a quiz lançar fora: mas ella levantou o pescoço para saltar nelle, e o morder. O que vendo o Homem, tomou hum pao para com elle a matar. E com isto se assanhou a Cobra ainda muito mais; e começarã ambos a pelejar. De que resultou, ficar ella morta; e elle, muy bem mordido.

Mo-

Moralidade.

MUy bem diz o Proverbio: Por la mano lleua el hombre a ſu caſa, con que llore. Aſſi acõteceo a eſte Homẽ com a Cobra; e acõtece ainda cada dia a muitos, q̃ no Inverno dos trabalhos e perſeguiçoens querem ſer bons a ſeus proximos. Mas elles, de roins, chegando o Veram das bonanças, nem o dado agradecem, nem o empreſtado tornaõ. Asſi he tanbem muy certo, agaſalhardes ás vezes alguns pobres em voſſa caſa, que ou vos roubaõ & fogẽ; ou, ſe os deſpedis, vos moleſtaõ; diffamaõ, e injuriaõ.

Do Aſno, & do Leam.

O Aſno, ſimples e torpe, encontrou com o Leaõ, em hum caminho; & de altivo e preſumtuoſo, ſe atreveu a lhe falar, dizendo: Vades embora, companheiro? Parouſe o Leaõ, vendo eſte deſatino e ouſadia. Mas tornou logo a proſeguir ſeu caminho, dizendo, Leve couſa me fora matar, desfazer, e deſpedaçar agora a eſte Aſno: Porem naõ quero çujar meus nobres dentes, nem enſovalhar minhas fortes unhas em carne taõ vil, fraca, e beſtial. E aſſi paſſou, ſem fazer caſo delle.

Moralidade.

HOmẽs esforçados & nobres, sofrem cousas a outros baixos, que naõ sofreraõ a seus iguaes; porque tem por afronta çujar as maõs em gente taõ baixa. Pelo contrario, ha muitos nescios, como este Asno, que favorecidos de algũs, e contentes de sy, do bõ vestido, e do bõ comer, sem mais nenhũas partes; querem logo orçar e roçar as cõteiras cõ os nobres, fidalgos, e mayores da Terra. Como fazia este vil Asno com o Nobre Leaõ, Rey de todos os Animaes.

Do Rato Cidadão, & do Montesinho.

HUm Rato, que morava na Cidade, acertando de yr ao campo, foy convidado por outro, que là morava, & levado à sua coua, ahi comeraõ ãbos cousas de cãpo, ervas, folhas e rayzes. Disse ẽtaõ o Cidadaõ ao outro: Por certo, compadre, que tenho dó de ti, e da pobreza em que vives! Vemte commigo a morar na Cidade, e veras a riqueza, e fartura que tenho, e quero que commigo gozes! Aceitou o o Rustico, e vieraõse ambos para a Cidade, a hũa casa grande e rica. E entrados

na

na diſpenſa, e eſtando muy deſcanſados e comendo muytas e boas comidas: eis que de ſupito entra o diſpenſeiro, e dous Gatos apoz elle. O que bẽ vendo os Ratos, ſairaõ ſe logo ambos fogĩdo: o de caſa recolhendoſe a ſeu buraco, eo defora trepando pela parede, e dizendo a o outro: Ficaivos vós embóra com voſſa fartura, Cõpadre, que eu mais quero comer Rayzes, no Campo, ſem ſobreſaltos, onde naõ ha Gato nem Ratoeyra, que, na Cidade, delicadezas, onde ha tanto Inimigo, Riſco, e Lazeira.

Moralidade.

QUanto o eſtado do Pobre ſeja mais quieto e ſeguro, moſtraſſe bem neſta fabula; & juntamente, quam arriſcados vivem os que trabalhão por ſubir a mais Riquezas, ou a mais alto Foro do que tem. Que, conforme a o dito do Eſpirito S: Os que tãto andaõ & trabalhaõ por enriquecer, eſſes ſós ſaõ os que primeiro caem na Ratoeyra.

Da Aguia, & da Rapoſa.

TInha huã Aguia filhos; e pera os cevar, levou nas unhas dous Rapoſinhos, tomados de huma louſa. A mãy, que o ſoube, lhe foy rogar que lhe deſſe ſeus filhos?

Mas

Mas a Aguia, la do alto, zombou de ſeus rogos; & diſſe, que por neuhuã maneira deixaria de lhos comer. A Rapoſa, magoada, começou logo, cõ a ajuda de outras, a cercar a arvore, onde a Aguia tinha ſeu ninho, de muitas palhas, tojos, e paos ſecos; em tal maneira, que pondolhe o fogo, fez huã fogueira muito grande. Com iſto ſe viu a Aguia taõ atribulada do fumo, das labaredas, e do receo que teve de que ardeſſe a arvore toda, que lhe lançou os filhos, ſem lhes tocar: & ainda, ſobre iſſo, caſi ficou toda chamuſcada, pela induſtria da Rapoſa.

Moralidade.

POſto que alguem preſuma ſer Aguia na força & ligeireza, & ter eſtado e lugar mais alto e aventajado que outros; nem por iſſo zombe de nimguem, nem afrõte, nem agrave a o fraco, humilde, e pequeno: cuidãdo, que nunca poderá vir a ter, nem força, nem engenho para delle ſe poder vingar. Porque o certo he, que Deos ajuda e da ſua graça a os humildes, e reſiſte e confunde a os ſoberbos. E por iſſo quis, que o Leaõ temeſſe a o Galo: & que o Rato, podeſſe inquietar a o Elephante.

Do

Do Galo, & da Raposa.

FOgindo o Galo, com suas galinhas, de huã Raposa, sobiu se com ellas a hum alto pinheiro. E como a Raposa alli lhe nam pudesse fazer mal algum, quiz usar de cautela, & disse ao Galo: Bem podeis descervos seguramente, que agora acabou de se assentar paz universal entre todas as aves e animaes: por tanto vinde, e festejaremos todos juntos este dia. Entendeu o Galo a mentira: mas, com dissimulaçaõ, respondeo: Essas novas, por certo, saõ boas e alegres! mas vejo acolá assomar tres Caẽs, deixemolos chegar, e assi jũtamente o festejaremos. Porem a Raposa, sem mais esperar, acolheuse, dizendo: Temo que o naõ saibaõ ainda, & me matem. E assi se foi, & ficaraõ o Galo e as galinhas seguros.

Moralidade.

HUm cravo tira outro cravo, e huã espada faz recolher a outra. Por este Galo se pode entender o homem sesudo: que quãdo outro, com palavras, o quer enganar, dissimula, fingindo que naõ o entende. E com pa-

palavras brãdas o cõtẽta, e delle se defẽde. Pois he cousa muy certa, que se o falso ẽcõtra cõ homẽ prudente e avisado, quasi sempre cae nos laços, que maliciosamente lhe arma.

Do Bezerro, & do Laurador.

TInha hum Lavrador hum Bezerro forte & mimoso, & polo na cãga com outro boy manso. Mas, como o Bezerro naõ a quizesse tomar, nem sofrer, com pãcadas e pedradas trabalhava o Lavrador polo amansar. E disse ao boy manso: Naõ te tomo com este pera que lavre, que ainda naõ he pera isso, senaõ pera logo de pequeno o amãsar. Porque depois que vier a ser Touro madrigado, naõ avera quẽ o amanse, nem mais possa com elle.

Moralidade.

ENsinanos esta Fabula, quanto seja necessario dobrar & refrear logo desde a os filhos pequenos, e costumalos à virtude: tirandoos de ociosidades, que sempre na velhice parem afrontas. Porq̃ doutrina Christãa he, que quem tira aos moços o castigo, esse lhes quer e lhes faz mal. E quẽ, como cõvẽ, lho dá: esse lhes quer e lhes faz bẽ. Dõde

bem se poro

prova, que quem lhes tem amor, deve de os domar e castigar com tempo e de pequenos; & naõ esperar para quando isto ja naõ tenha nenhũ remedio. Tanbem, pelo boy manso, se vê, que o homem quieto & pacifico, sempre he muito mais querido e estimado daquelles que com elle trataõ.

Do Lobo, & do Cam.

ENcontrandose hum Lobo e hũ Cam, em hum caminho; disse o Lobo ao Caõ: Enveja te tenho, companheyro, de te ver taõ gordo, com o pescoço grosso, & cõ o cabello luzido; andando eu, porem, sempre taõ magro, faminto, & arrepiado! Respondeu lhe o Caõ. Se tu fizeres o que eu faço, tanbem engordarás e andaras farto e contente. He pois o caso, que estou em hũa casa, onde me querem muito, dão-me muy bem de comer, e me trataõ ainda muito melhor: & so tenho cuidado de ladrar, quãdo de noute sinto alguns ladroẽs. Por isso, se queres, vé te cõmigo, e terás outro tãto. Aceitou o Lobo este offerecimẽto, e começarã a yr ãdãdo. Mas, no caminho, pergũtou o Lobo a o Caõ. q̃ he isso, cõpanheiro? que

Que te vejo o pescoço esfolado! Respondeu o Cam: Porque naõ morda, de dia, aos que entraõ em casa, estou todo elle preso por huã cadea. Só de noite me soltaõ para vigiar a casa, atè pela manhãa, quando, de novo me tornaõ a prender. E dahi he que amy me vẽ essa esfoladura. Guarte! replicou o Lobo, Naõ quero eu tua fartura, a troco de ser escravo, & me ver catiuo. Antes quero trabalhar e jejũar livre; do que sugeito, andar gordo, ocioso, e luzido. E dizendo isto, se foy embóra.

Moralidade.

NAõ ha prata, nem ouro, nem preço nenhum, porque deva venderse a liberdade. E quem a estima no que ella merece, faz o que este generoso Lobo fez: que ãtes escolheo trabalhos, falta, e fome, do que perder taõ grande joya. Mas Gulosos e Comiloens negligentes e apoucados, naõ estimaõ ser livres: com tanto, que comaõ o paõ ociosos. E estes saõ os significados, nesta Fabula, pelo Cam.

Dos

Dos Membros do Corpo.

QUeixavaõse as maõs, e os pés, dos outros membros, dizendo, que elles toda a vida trabalhavam & traziam o corpo às costas, & tudo redundava em proveito do estamago, que comia sem trabalhar; por tanto, que se determinasse, e se fosse a buscar sua vida, que elles naõ lhe podiaõ nem aviaõ de dar mais de comer. E, por muito que o estamago lhes rogou, naõ quiseraõ tomar outra determinaçaõ: & assi começaraõ a negarlhe a comida, & ello a enfraquecer. Mas, como juntamente ẽfraquecessem tanbem os pés & as maõs, tornaraõ depressa a querelo alimẽtar; porem, como jà a fraqueza fosse muita. nada lhes valeo. E, assi, morreram todos juntamente.

Moralidade.

TOdos somos membros em huã Republica; & todos necessarios, huns aos outros. Os Soldados e Trabalhadores, sam as maõs e os pés; o Rey, a cabeça; & os Ricos, o estamago. Se disser o Lavrador, que naõ quer trabalhar, para que o outro coma:

elle ha de ser o primeiro que ha de padecer com fome. Se os Soldados naõ quiserem defender a Patria, nem o Rey governar o Reino, nem os Ricos distribuir o que ajuntaõ: antes cada membro hum do outro se apartar; morreraõ todos, & morrerà juntamẽte tanbem todo o corpo mystico da Republica.

Da Aguia, & da Coreixa.

TOmando a Aguia nas unhas hum Cágado, pera com elle se cevar, o foi levãtãdo, levandoo pellos ares, e dandolhe de picadas; mas naõ o podia matar, porque estava muy recolhido em sua concha. Embraveciase a Aguia muyto com isto, sem por isso nada lhe prestar. Quando neste commenos chegou a Coreixa, & disse lhe: A caça que tomastes he por estremo boa; mas nam podereis gozar della, senaõ por manha e ardil. Pediu lhe a Aguia, que lhe ensinasse aquelle artificio, e que irmaãmente partiria com ella da caça. A Coreixa o fez assi, dizendo: Pois sobivos sobre as nuvẽs, e de là deixai cair o Cágado sobre algũa lagea; & quebrar se lhe ha a-

con-

concha, e ficarnos ha a carne descuberta. Seguiu a Aguia este conselho, e succedendo como queriaõ, comeraõ ambas irmaãmente a caça, & foraõ se muy contentes & satisfeitas.

Moralidade.

NA guerra, & em todo negocio, tanto & a inda muyto mais val a industria, que a força; que negocios muy arduos se acabaõ por manha: & ainda ate a maior força, val muy pouco, ou nada, sem ella. Isto quiseraõ mostrar os Poëtas na companhia e amizade do manhoso Ulixes, com o valente Diomedes. Porque a valentia, sem a manha, poucas ou nenhũas vezes dà fruito proveitoso a seu dono; & hum só conselho bom, acaba mais que muytos maos.

Da Raposa com o Corvo.

APanhou o Corvo hum queijo, & fogindo com elle, se foi a pousar sobre hũa arvore. Viu o estar a Raposa; e desejãdo de lho comer, pos se ao pè da arvore, & começou lhe adizer: Por certo que es muy fermoso, e gentil homem como hũa dama, e poucos passaros ha que te ganhẽ.

Porque tu es taõ bem disposto & galante, que se acertaras a bẽ saber cantar, nenhũa ave se poderia comparar comtigo. Soberbo o Corvo destes gabos, e desejando de lhe parecer bem: eis que levanta o pescoço pera cantar. Porẽ, abrindo a boca, cahiulhe o queijo, e a Raposa o tomou, e foise embora com elle. Ficando o Corvo taõ faminto e corrido de sua vãa presunçaõ & propria parvoice, que muitos dias padeceu de fome, & muitos mais se naõ atreveu a aparecer entre as demais aves.

Moralidade.

OS que crem palavras lisongeiras, como eraõ as desta Raposa: nam he muito fazerem maiores desatinos, do que este Corvo fez. Quem, sem ter partes, se vè louvar, entenda que naõ saõ louvores, senaõ injurias que lhe dizem, ou laços que lhe armaõ, pera o enganarem. Porque palavras brandas, sempre saõ suspeitosas: & quanto melhor se aceitaõ, tanto mais ficaõ prejudicando. Pois naõ saõ outra cousa, se naõ hum muy refinado & aprazivel cevadouro, que faz o

ca-

caçador, para nelle nos tomar. E, por meyo desse engodo, vem a alcançar de nos o que deseja; & nos, perdendo o que temos, vimos a ser a Risa de todos.

Do Leam com os outros Animaes.

EStava hum Leaõ doente, & fraco de velho, & vindo hum porco montes, que lhe lembrou ser delle noutro tempo maltratado, deulhe hũa forte tumbada, e passou, Veio tanbem hum Touro, e escornou o. E outros muitos Animaes, por se vingarem, o maltatavaõ tãbem da mesma maneira. Por derradeiro veyo tanbẽ hum Asno, & deulhe dous couces, com que lhe derribou as queixadas. Vendose o Leaõ ẽ taõ triste estado, chorava e lamentava, dizendo: Tempo sei eu, que todos estes só de meu bramido tremiaõ: & nenhum avia tam forte, que naõ fogisse de se encontrar comigo. Mas agora, que me vém fraco, todos querem vingarse, & naõ ha ja quem nam se me atreva.

Moralidade.

OS que estaõ entronizados em Cargos & Officios grandes, nem por isso se atre-

atrevaõ a agravarem a outros; Antes receem o que a este Leaõ succedeo. Porque quando seu poder vier à afracar, ou vierem a deixar o officio, tanbem emtaõ qualquer pobre selhes poderà atrever, e delles tomar vingança, e metelos assi em afronta vergonha e confusaõ, ou por obra, ou por palavra.

Das Rãas, & de Jupiter.

PEdiraõ as Rãas antigamente huã vez a Jupiter, lhes desse Rey, como o tinhaõ outros muitos Animaes. Riose Jupiter da ignorante petiçaõ, & differindo a ella, lançou lhes hum Madeiro no meio da lagoa aonde andavaõ. Com isto começaraõ as Rans a terlhe respeito; porem des que ẽtenderaõ que naõ era cousa viva, de novo tornaraõ a Jupiter, pedindo Rey? Agastado Jupiter da importunaçaõ, deulhes a Cegonha, que logo começou a comelas, huã a huã. Vendo ellas esta crueldade, foraõse de novo com queixas, e por remedio a Jupiter; mas elle as lançou de si, dizendo: Andai, pera loucas; já que vós vos naõ quisestes contentar com o primeiro Rey, sofrei agora esse, que tanto me pedistes,

distes, e porque tanto me rogastes?

Moralidade.

Gente, & povo, amigos de novidades, saõ como as Rãas, que cada dia querem mudar hũ Senhor; e sẽpre andaõ desejãdo Alterações, Mudãças, e Revoluçoẽs. Mas bẽ se vè, nesta Fabula, que muitas vezes castiga Deos a os maos, com sò lhes conceder o que lhe pedẽ. E os que andaõ murmurando do bom Governador, ou brando Prelado, tanbem muytas vezes vem a cair em poder de taõ grandes e crueis Tyranos, que de todo os comem, tragaõ, consumẽ, e destruem. Como a Cegonha, aqui, com as importunas e enfadonhas Rãas, assi o fazia.

Das Pombas com o Falcão.

Vendose as Pombas perseguidas do Milhano, que de quando em quando as maltratava, & buscando como delle se poderiaõ livrar; quiseraõ se valer do Falcão. Tomou elle a cargo de as defender; mas começou a tratalas muyto peor, matandoas e comendoas, sem piedade. Vendose ellas sem remedio, diziaõ: Com razaõ padecemos; pois naõ nos contentan-

do do bem que tinhamos, soubemos taõ mal escolher, em cousa que tanto nos importava, que viemos a deixar a quem primeiro nos entretinha, por quem agora, de todo, nos destrue!

Moralidade.

DIreitamente parece que falla esta Fabula com os Princepes Christãos. Que tendo competencias entre si, muitas vezes chamarão em seu favor a os Mouros, Turcos, Hereges, e de mais Inimigos da fé, de que depois, como estas pombas, bem tarde & ja sem remedio se arrependerão. E assi se ficarão na sugeição que hoje toda Grecia, & outras muytas Provincias & Reynos Christaõs padecem, em castigo de seus odios, invejas, scismas, e ambiçoẽs; & outros muytos peccados, cuja causa foraõ as sobreditas discordias. E por conseguinte, se nisto naõ houver emmenda, ainda por derradeiro o viraõ tanbem a ser de sua total Ruyna.

Do parto da Terra.

EM certo tempo começou a Terra a dar urros, e a ĩchar, dizẽdo, ꝗ queria parir. Com isto andava a gente muy pasmada,

chea de temor, e receosa que nascesse algũ Monstruo proporcionado com a Mãy, que por derradeiro podesse vir a destruir o mundo todo. Chegado o tempo do parto, e estando todos suspensos, pariu a Terra hum Murganho. E ficou, assi, sendo Riso, o que dantes causava taõ grande Medo.

Moralidade.

ESta Fabula explica Horacio dos que prometem de sy cousas grandes, e despois naõ fazem nada; como sam certos fãfarroens, que se jactaõ de valentes, e a poder de juramentos, o querem parecer. E outros, que sẽpre se andaõ gabãdo de suas letras, e dos livros que haõ de compor. Mas quando se vem a joeirar e bẽ esquadrinhar a valentia dos hũs, e a sciencia dos outros, tudo he, e vem a parar em joyo. Pelo que, com razaõ, fica quem os conhece, rindo zõbando e escarnecendo delles. Como, na Fabula se diz, que os homens assi o faziaõ do ridiculo parto da Terra.

Do Galgo velho, & de seu Amo.

AHũ Galgo velho, que dãtes avia sido muito bõ, se lhe foi hũa lebre dẽtre os

dentes, porq́ quasi ja os naõ tinha? Vendo o Amo isto, o açoutou cruelmente, & o lançou de sy, como cousa, que ja nada valia. A isto disse o Galgo: Deves Senhor lembrarte, como sempre te servi muy bẽ, em quanto era moço; quantas lebres te tomei, e quanto em casa me estimavas! E agora que ja sou velho, & estou posto no osso, es comigo tam ingrato, que por huã só que me fogio, me açoutas e lanças fora? Devendo, ao contrario, perdoarme & cõpadecerte de my; ou, a o menos, pagarme, como he razaõ, o muito, bem, e fielmente que sempre te tenho servido!

Moralidade.

DEste Galgo tome liçaõ, quem serve a Senhores ingratos; & vera o pago que ha de ter, principalmente se os serve em cousas contra sua consciencia. Porque, depois que por sua causa bem metido estiver no inferno, pella primeira vontade que deixar de lhes fazer, virá a perder tudo quãto tem servido. E muytas vezes os mesmos Senhores, e o Mundo, por cujo respeito perde a Deos, o vem a acusar, & a ser seus algozes; & o fa-

fazem muy bem castigar, polos peccados que elles mesmos lhe fizeram fazer.

Das Lebres, & das Rans.

VEndose as Lebres corridas dos Galgos, & espantadas de todos os Animaes, assentarão, por não passar tanto sobresalto, de todas se matarem, afogadas em hum Rio. E querendo dallo a execução, correrão, com impeto, pera se arremessarem na agoa; & chegando á borda della, virão grande numero de Rãas saltarem, com medo, na Ribeira. Reportarãose, com isto, as lebres hum pouco; & mudando de parecer, disserão: Pois que estas Rãas vivem avendo medo de nos, e de todos quantos nolo causão, soframos nos tanbem com paciencia a vida, e os trabalhos que nella padecemos; pois ja, por experiencia, temos achado, que ainda ha outros muyto mais Acossados, Medrosos, e Espantadiços que nós.

Moralidade.

BEm se vè ser verdade o que diz Marcial; Que ninguem ha tão miseravel, que, comparandose com outros, se não tenha ainda

ainda por venturoso. E que a mais certa consolaçaõ, que ainda ha nos maiores males que padecemos, he (inda que bem pequena, e, ẽ certo modo, cruel) ver a outros que ainda os padecẽ mayores. Por esta causa, perguntãdose a hũ Philosopho, ẽ q̃ modo se sofreriaõ bẽ os trabalhos e as tribulaçoẽs? respõdeo: Que vẽdo a outros, e sobretudo, a nossos inimigos, postos em outras mayores.

Do Lobo, & do Cabrito.

INdo huma Cabra pascer ao campo, deixou o filho em casa: & mandoulhe, que naõ abrisse ao Usso, nẽ ao Lobo, que alli viesse, porque morreria. Ida ella, veyo hũ Lobo, e fingindo a voz da Cabra, começou a afagar ao Cabrito, dizendo, que lhe abrisse, que era sua mãy. Ouvindo isto o Cabrito, chegou á porta, e por hũa fenda olhou, e vio ao Lobo; &, sem outra reposta, virou as costas, e recolheose em casa. O Lobo, vendo que lhe naõ dava reposta, foise; e assi ficou o Cabrito em salvo.

Moralidade.

FIlhos obedientes a seus Pays, tudo lhes succede bem. Esta Fabula nos avisa, que

que guardemos sempre esta obediencia; & tanbem que nos naõ fiemos em palavras brãdas. Porque quẽ, a pura força, naõ se atreve a fazer nos algũ mal; quanto mais peçonha traz no coraçaõ, tanto mais mel mostra na lingoa. Que a peçonha, naõ se dà, senão nos manjares mais saborosos; como a Claudio, nas Cilercoas, ou Tortulhos.

Do Cervo, Lobo, & Ovelha.

DEmandava o Cervo á Ovelha, falsamente, certo trigo que dezia averlhe emprestado. A Ovelha lho podera bẽ negar, mas receou, porque estava hum Lobo de companhia com o Veado. E assi, com dissimulaçaõ lhe disse: Rogote, por tua vida, que me esperes algũs dias: & entaõ averiguaremos nossas contas, e eu te pagarey quanto te dever. Foy contente o Cervo. Porem, tanto que ambos se encõtraraõ, sem o Lobo estar presente, a Ovelha o desenganou, dizendo lhe, que nem lhe devia trigo, nẽ taõ pouco nada lhe avia de pagar.

Moralidade.

Cõtẽ esta fabula hũ bõ, e proveitoso aviso, q mui bẽ nos pode servir, quãdo alguẽ com-

com nosco quer aporfiar, em presença de nossos inimigos. Pois, emtaõ, he a maior e melhor prudencia, dilatar a duvida atè nos vermos em tempo que livremente possamos defẽder nossa causa, e opiniaõ. Como fez aqui a Ovelha, sem temor nenhum de Lobos, nem de alguns outros Inimigos Roazes.

Da Cegonha, & da Raposa.

SEndo amigas a Cegonha com a Raposa, convidou a Raposa hum dia a jãtar á Cegonha. Chegado o tempo, preparou a Raposa, ardilosa, hũa comida liquida, e hum manjar como papas, e o estẽdeo por hũa lagea; & importnnava á Cegonha que comesse. Mas quanto mais ella picava na lagea, tanto mais quebrava o bico, & tanto menos nelle tomava E assi se foy sem nada comer, e toda famintа e esganada, para o ninho. Mas, por se vingar, convidou tanbem outra vez á Raposa; & lançou o manjar em hũa almotolia, donde muyto á sua vontade comia com o bico que nella livre e largamente metia com seu pescoço comprido. E a Raposa, naõ podendo nella em maneira nenhuã meter

o focinho, se tournou pera sua casa vergonhosa, corrida,& toda desmaiada, e quasi morta de fome.

Moralidade.

NAõ ha maior gosto, do que enganar ao enganador, & zombar de quem de nós zombar quer. E obrigaçaõ he precisa dos que zombaõ e escarnecem, sofrerem bem as zombarias leves, & ainda as pesadas; & tomarẽ as todas em graça.

Da Gralha com os Pavoens.

FEzse huã vez a Gralha bizarra e louçã, vestindose toda de penas de Pavoens, q̃ para isso pedio ẽprestadas: e desprezãdo a todas as outras Gralhas, andava com os Pavoens de mistura. Porem elles por derradeiro lhe pediraõ cadahum as suas. E fazẽdo ella dificuldade disso, começaraõ de de todo lhas tornar a depenar: e todos lhe levavaõ penas e carne juntamente nos bicos. Despois, querendo se ella chegar ás outras, inda que com temor e vergonha, diziãolhe ellas: Quanto mais te valera cõtentareste com o que te deu a natureza, do que quereres mudar estado, pera vires

a este coitado, pobre, e miseravel, em que toda estás pellada, ferida, confusa, e vergonhosa.

Moralidade.

QUem faz casa, e toma fausto com rendas alheas, ou fazenda emprestada; tẽ o successo desta Gralha. Chegase o tempo da paga, vem os acredores, e tomaõlhe as alfayas com que se honrava; & ainda, se estas naõ bastaõ, daõ com elle na cadea. Donde vẽ a sair taõ pelado confuso e vergonhoso, que nem ainda esta Gralha lhe leva ventagem.

Da Formiga com a Mosca.

ENtre a Mosca e a Formiga houve huã vez grande alteraçam e porfia, sobre pontos de honra. Dizia a Mosca: Eu sou nobre, vivo livre, ando por onde quero, como viandas preciosas, assentome á mesa como os Reys, & chego a dar beijos nas mais bellas, excelentes, e fermosas damas. Tu, mal aventurada, sempre andas trabalhando, cansandote, e perdendo o sono. Respondeo a Formiga: Tu es huã grandissima douda parvoa e ociosa: se pousas huã vez em prato de bom manjar, mil vezes

zes comes çugidadas e immundiçias, e es aborrecida de todos. Se te poẽs no rosto das Damas, ou á mesa com os Reys; naõ he por sua vontade, nem porque tu lhes agrades, senaõ porque tu es atrevida, enfadonha, importuna, e entremetida.

Moralidade.

DEsta Fabula aprendamos, o pouco que valem homẽs Ociosos e Importunos, como Moscas, que sempre se andaõ gabando, diffamando molheres e pessoas honradas, contando feitos que nunca lhes aconteceraõ, e desprezando a os que, como formigas, vivem de sua industria. Mas, quando vem á certa cõsita, naõ tem força, nem animo, nem arte para fazer nada; & assi ficam afrontados, corridos, e confusos: e de todos tidos por covardes, fracalhoens, e apoucados.

Da Ram com o Touro.

ANdava hum grande Touro pascendo a o longo da agoa; & vendoo huma Rãa tamanho, tocada de inveja, começou logo de comer atè mais naõ poder, e a incharse, e a encherse toda de vẽto.

bem escalavrados, como o ficou este Leaõ. E, por derradeiro, nunca escapaõ de afrontas, e injurias graves; porque querem vender o que naõ sabem. O que tudo, sam muy refinadas especies de enganar, furtar, roubar, e a si atreher o alheio.

Das Aves com o Morcego.

AVia guerra travada entre as Aves, & outros Animaes, que como eram fortes, andavaõ as Aves maltratadas, & elles de vencida. Temeroso disto o Morcego, passouse do bando contrario; & andava voando por cima dos Animaes de quatro pés, feito já da sua parte. Sobreveio, nisto, a Aguia, em favor das Aves, e alcançando victoria, tomaraõ tãbem a o Morcego; & em castigo da traiçaõ que tinha feito, lhe mandaraõ que andasse sempre pelado, de noite, e ás escuras.

Moralidade.

ESta Fabula fala com os Soldados, que nũca desamparem seus Capitaẽs, nem ainda, atè nos maiores apertos. E tãbẽ com os amigos, que nũca deixẽ a amizade, em tem-

po

pò dos trabalhos. Que os que assi o fazem, igualmente saõ tidos em pouco, assi dos amigos, como dos inimigos; infamãose de Traydores, e ninguem mais delles se fia.

Do Cavalo, & do Asno.

INdô hum Cavalo com jaezes ricos de seda e ouro, de muyto preço, encontrou no caminho a hum Asno carregado, & disse lhe, com muyta soberba: Animal descommedido, porque naõ me das lugar, nem te desvias para que eu passe? Calou, e sofreu o pobre do Asno. Mas dahi a poucos dias emmanqueceu o Cavalo, e puseraõ o de albarda, pera servir. Acertou, em taõ, o Asno de tanbem o achar e encontrar carregado de esterco, e disse lhe: Que vay irmaõ? Onde esta vossa soberba? Porque naõ mandais agora que me arrede? como faziés, em outro tempo, com tanta presuncam e arrogancia!

Moralidade.

NInguem despreze a os pequenos, nem a os pobres, por se ver farto, abũdãte e bẽ vestido: Ou cõ Honras, Officios, e Beneficios.

Porque atè as Venturas, as Condiçoẽs, e os Estados se vem muitas vezes a mudar; & a soberba passada, não serve de mais que de vergonha, injuria, e confusaõ presente.

Do Falcão, & do Rouxinol.

APossandose o Falcão, huã manhaã, do ninho onde o Rouxinol tinha seus filhos, e querendo matarlhos; começou o Rouxinol, cõ muyta brãdura, a rogarlhe, que naõ lhos matasse, e que elle o serviria, e lho saberia muy bem agradecer. Disse o Falcão, que era contente; se cantasse de modo, que o satisfizesse. Começou, ẽtaõ, o triste do Rouxinol a cantar muy sẽtida, doce, e suavemente; porem o Falcão, mostrandose descontente da musica, se determinou a comerlhos. E, estando ja para o fazer; eis que chega, por detras, hum Caçador, e lançandolhe hum laço a o pescoço, o prendeo, e o foi levando a rasto. E ficou, assi, o Rouxinol livre, e seus filhos em salvo.

Moralidàde.

POr este Falcam, se significão os Tyranos & desalmados; que, por nenhũas razoẽs,

zoẽs, ainda que muy justificadas, nunca querẽ desistir de agravar a os que pouco podem. Mas, neste entremeio, chega a Justiça divina, que os caça no laço da morte, & os lança no inferno. E, muytas vezes, pera consolação dos bons, os aflige, nesta vida visivelmente, com muytas penas e tormentos temporaes, e insuportaveis.

Das Arvores com o Machado.

VEndo, hũa vez, as Arvores hum Machado de aço bem forjado; mas que por falta de Cabo, se naõ podia cortar, nem fazer nada com elle: disseraõ ao Zãbugeiro, que lhe desse hum. E como o Machado esteve encavado, veio hum homem e tomou o; &, com elle, começou a fazer *Ma*deira, e a destruir o Arvoredo. Disse, entaõ, o Sovereiro ao Freyxo: Nos temos a culpa, que para nosso mal, demos o Cabo ao Machado. Porque, a naõ lho darmos, bem seguras pudéramos estar delle.

*M*oralidade.

QUem vir a seu Cõtrario, Inimigo, e Adversario inhabilitado, pera lhe poder

fazer algum mal, naõ seja taõ doudo, que para isso o habilite: nem lhe de armas, ainda que o veja desarmado. Virtude he, perdoar ao inimigo, mas parvo he quem, alem de lhe perdoar, o favorece tanto, que despois possa, com pouca ajuda, matalo, destruilo, & arruynalo.

Do Asno, & do Mercador.

CAminhando hum Tendeiro para a Feira, levava juntamente carregado de mercadoria hum Asno, que de muyto fraco andava de vagar. O Mercador cobiçoso, com desejo de chegar, dava tanto no Asno, que ja se naõ podia bolir; atè que, por derradeiro, veio a cahir no caminho com a carga, e assi morreo e acabou. Depois de morto, o esfolaraõ: & da Pelle fizeraõ hum tambor, em que de contino andavaõ tocando, tangendo, & batucando.

Moralidade.

OS q̃ sabẽ aproveitarse dos trabalhos da vida, e cõ tẽpo se aparelhaõ pera a morte, vẽ finalmẽte a descãsar cõ ella. Porẽ, os q̃ como As-

Asnos, neste mundo vivem, sem se lembrarem que, despois delle, ha ainda outra vida; depois de nesta padecerem muitos trabalhos, miserias, e desaventuras: vem tanbem, por derradeiro, a, como Asnos morrerem, acabarem, de todos serem escarnecidos, e a, na outra, para sẽpre, dos Demonios atormentados. Pelo que, com razam, saõ comparados, nesta Fabula, a os Iumentos; cuja pele, na morte e na vida, he sempre mui bem curtida.

Do Rato, & da Doninha.

HUma Doninha, como ja de velha & cãsada, naõ pudesse mais caçar; usava desta manha: Enfarinhavase toda, e punhase muito queda a hum canto da casa; & estando, assi, muy sorrateira e agachada, vieraõ algũs Ratos, que cuidando ser outra cousa, chegavaõ por comer, & ella os comia a elles. Por derradeiro, veyo tanbẽ hũ Rato velho, que tinha jà escapado de muytos trances; e, posto de longe, disse lhe:

Por mais artes que uſes, naõ me colheras tu a my; engana tu, embora, a eſtes pequenos, que de ti ſequerem deixar enganar: porque eu conheçote muyto bem, & aſſi, naõ ajasmedo que me chegue nunca a ty. E, dizendo iſto, foiſe embóra.

Moralidade.

NEſta Doninha ſe pode ver, qne quem em màs manhas he criado, nem por doença, nem por fraqueza, nem por velhice as perde. Quem ſe aveza a furtar, ou o baraço ou a morte lho ha de tirar; Pois quando jà naõ pode uſar de ſua força, nẽ por iſſo deixa nunca de cõ rebuços, manhas, e trayçoens uſar ſempre de ſeu mao officio, como quẽ ja de todo tẽ perdida a vergonha ao Mũdo, e o temor a Deos. Da qui vẽ o ditado, q̃ diz, que, Quien malas mãnas tiene, Tarde, o, Nunca las pierde. E por tanto, ſeguindo o Exemplo do Rato velho e prudente, nunca nos fiemos, nem cevemos, e muito menos, nos deixemos enganar de algũas apparencias exteriores, que, atè as melhores, trazem muitas vezes, debaixo de ſi, emcuberta a mais refinada maliçia. Eſta he a razaõ, porque tanbem o

Se-

Senhor, no Evangelho, tão encarecidamente nos avisa, que sempre andemos á lerta, e não nos fiemos, antes nos vigiemos e bem guardemos dos homens; & que, para isso, não sómente sempre sejamos e nos mostremos Simpleces e Innocentes, como Pombas: Mas, tanbem, Prudentes e Avisados, como Serpentes.

Da Raposa com as Uvas.

CHegando a Raposa a huma Parreira, & vendo a carregada de Uvas, ja bem maduras, e muy fermosas; cobiçou as muito, e ficou cõ grande võtade de bẽ dellas se fartar. E, querẽdo cũprir seu desejo, começou a fazer todas suas diligencias pera subir a ella; porẽ como estavão altas, e era ingreme a subida, por muyto que fez, não pode trepar. Pelo que, disse: Ora basta, que ainda estas Vvas estão em agraço, & desbotarmehão os dentes; não quero mais cansarme, nem colhelas verdes, que tanbem eu sou muy pouco amiga dellas. E dito isto foise, e deixou as, como quem dellas fazia pouco caso.

Mo-

ainda por venturoso. E que a mais certa consolação, que ainda ha nos maiores males que padecemos, he (inda que bem pequena, e, ẽ certo modo, cruel) ver a outros que ainda os padecẽ mayores. Por esta causa, pergũtãdose a hũ Philosopho, ẽ q̃ modo se sofreriaõ bẽ os trabalhos e as tribulações? respõdeo: Que vẽdo a outros, e sobretudo, a nossos inimigos, postos em outras mayores.

Do Lobo, & do Cabrito.

INdo huma Cabra pascer ao campo, deixou o filho em casa: & mandoulhe, que naõ abrisse ao Usso, nẽ ao Lobo, que alli viesse, porque morreria. Ida ella, veyo hũ Lobo, e fingindo a voz da Cabra, começou a afagar ao Cabrito, dizendo, que lhe abrisse, que era sua mãy. Ouvindo isto o Cabrito, chegou á porta, e por hũa fenda olhou, e vio ao Lobo; &, sem outra reposta, virou as costas, e recolheose em casa. O Lobo, vendo que lhe naõ dava reposta, foise; e assi ficou o Cabrito em salvo.

Moralidade.

FIlhos obedientes a seus Pays, tudo lhes succede bem. Esta Fabula nos avisa, que

que guardemos sempre esta obediencia; & tanbem que nos naõ fiemos em palavras brãdas. Porque quẽ, a pura força, naõ se atreve a fazer nos algũ mal; quanto mais peçonha traz no coraçaõ, tanto mais mel mostra na lingoa. Que a peçonha, naõ se dà, senão nos manjares mais saborosos; como a Claudio, nas Cilercoas, ou Tortulhos.

Do Cervo, Lobo, & Ovelha.

DEmandava o Cervo á Ovelha, falsamente, certo trigo que dezia averlhe emprestado. A Ovelha lho podera bẽ negar, mas receou, porque estava hum Lobo de companhia com o Veado. E assi, com dissimulaçaõ lhe disse: Rogote, por tua vida, que me esperes algũs dias: & entaõ averiguaremos nossas contas, e eu te pagarey quanto te dever. Foy contente o Cervo. Porem, tanto que ambos se encõtraraõ, sem o Lobo estar presente, a Ovelha o desenganou, dizendo lhe, que nem lhe devia trigo, nẽ taõ pouco nada lhe avia de pagar.

Moralidade.

Cõtẽ esta fabula hũ bõ, e proveitoso aviso, q̃ mui bẽ nos pode servir, quãdo alguẽ com-

com nosco quer aporfiar, em presença de nossos inimigos. Pois, emtaõ, he a maior e melhor prudencia, dilatar a duvida atè nos vermos em tempo que livremente possamos defẽder nossa causa, e opiniaõ. Como fez aqui a Ovelha, sem temor nenhum de Lobos, nem de alguns outros Inimigos Roazes.

Da Cegonha, & da Raposa.

SEndo amigas a Cegonha com a Raposa, convidou a Raposa hum dia a jãtar á Cegonha. Chegado o tempo, preparou a Raposa, ardilosa, hũa comida liquida, e hum manjar como papas, e o estẽdeo por hũa lagea; & importnnava á Cegonha que comesse. Mas quanto mais ella picava na lagea, tanto mais quebrava o bico, & tanto menos nelle tomava E assi se foy sem nada comer, e toda faminta e esganada, para o ninho. Mas, por se vingar, convidou tanbem outra vez á Raposa; & lançou o manjar em hũa almotolia, donde muyto á sua vontade comia com o bico que nella livre e largamente metia com seu pescoço comprido. E a Raposa, naõ podendo nella em maneira nenhuã meter

o

o focinho, ſe tournou pera ſua caſa vergonhoſa, corrida,& toda deſmaiada, e quaſi morta de fome.

Moralidade.

NAõ ha maior goſto, do que enganar ao enganador, & zombar de quem de nós zombar quer. E obrigaçaõ he precisa dos que zombaõ e eſcarnecem, ſofrerem bem as zombarias leves, & ainda as peſadas; & tomarẽ as todas em graça.

Da Gralha com os Pavoens.

FEzſe huã vez a Gralha bizarra e louçã, veſtindoſe toda de penas de Pavoens, q̃ para iſſo pedio ẽpreſtadas: e deſprezãdo a todas as outras Gralhas, andava com os Pavoens de miſtura. Porem elles por derradeiro lhe pediraõ cadahum as ſuas. E fazẽdo ella dificuldade diſſo, começaraõ de de todo lhas tornar a depenar: e todos lhe levavaõ penas e carne juntamente nos bicos. Deſpois, querendo ſe ella chegar ás outras, inda que com temor e vergonha, diziãolhe ellas: Quanto mais te valera cõtentareſte com o que te deu a natureza, do que quereres mudar eſtado, pera vires

a este coitado, pobre, e miseravel, em que toda estás pellada, ferida, confusa, e vergonhosa.

Moralidade.

QUem faz casa, e toma fausto com rendas alheas, ou fazenda emprestada; tẽ o successo desta Gralha. Chegase o tempo da paga, vem os acredores, e tomaõlhe as alfayas com que se honrava: & ainda, se estas naõ bastaõ, dãõ com elle na cadea. Donde vẽ a fuir taõ pelado confuso e vergonhoso, que nem ainda esta Gralha lhe leva ventagem.

Da Formiga com a Mosca.

ENtre a Mosca e a Formiga houve huã vez grande alteraçam e porfia, sobre pontos de honra. Dizia a Mosca: Eu sou nobre, vivo livre, ando por onde quero, como viandas preciosas, assentome á mesa como os Reys, & chego a dar beijos nas mais bellas, excelentes, e fermosas damas. Tu, mal aventurada, sempre andas trabalhando; cansandote, e perdendo o sono. Respondeo a Formiga: Tu es huã grandissima douda parvoa e ociosa: se pousas huã vez em prato de bom manjar, mil ve-

zes

zes comes çugidadas e immundiçias, e es aborrecida de todos. Se te poẽs no rosto das Damas, ou á mesa com os Reys; naõ he por sua vontade, nem porque tu lhes agrades, senaõ porque tu es atrevida, enfadonha, importuna, e entremetida.

Moralidade.

DEsta Fabula aprendamos, o pouco que valem homẽs Ociosos e Importunos, como Moscas, que sempre se andaõ gabando, diffamando molheres e pessoas honradas, contando feitos que nunca lhes aconteceraõ, e desprezando a os que, como formigas, vivem de sua industria. Mas, quando vem á certa cõsita, naõ tem força, nem animo, nem arte para fazer nada; & assi ficam afrontados, corridos, e confusos: e de todos tidos por covardes, fracalhoens, e apoucados.

Da Ram com o Touro.

ANdava hum grande Touro pascendo a o longo da agoa; & vendoo huma Rãa tamanho, tocada de inveja, começou logo de comer atè mais naõ poder, e a incharse, e a encherse toda de vẽto.

E, entaõ, perguntou a todas as outras, se já era tamanha como aquelle Touro? Responderaõ ellas, que naõ. Torna a boa da Rãa, segunda vez, e poem ainda mais força para se inchar. Mas desenganada ja do muito que ainda lhe faltava pera igualar ao Touro; terceira vez se tornou a inchar taõ forte e rijamente, que por derradeiro veio a arrebentar, com cobiça de ser grande, e igualmente com o Touro se poder gloriar.

Moralidade.

MArcial em hũa Epigramma contra Otacilio, moraliza esta Fabula; entendendo pela Rãa, ao Ambicioso, que desejando igualarse com o rico, grande, & poderoso no trato grandeza & despesa, gasta o que tem, e o que naõ tem: & assi chega a consumirse, atè que rebenta em tantas dividas, que por derradeiro vem a dar com elle no hospital. Fiquem logo daqui avisados todos aquelles, que ainda saõ Rãas na posse, e naõ queiraõ despender como Touros, porque por derradeiro naõ venhaõ tanbem a rebentar

tar

tar, como esta Rãa, de q̃ esta fabula nos trata.

Do Cavallo, & do Leam.

VEndo hum Leam andar comẽdo a hũ Cavallo, em hum outeyro: e cuidando em que maneira se averia, paraque lhe esperasse, e assi o pudesse matar e comer; chegouse, cõ palavras de amigo, a elle, dizẽdo, que era Medico, se queria q̃ o curasse? O Cavallo, que o conheceo e entendeo, disse, com dissimulaçaõ: Em verdade vés, amigo, a bom tempo; que tenho neste pè hum garrancho, de que estou maltratado. Chegouse o Leaõ averlhe o pè; & o Cavallo, que o levantou, lho assentou taõ bẽ nas queixadas, que o derribou e o deixou embaçado. Tornando o Leam em sy, & vendo era ydo o Cavallo, disse: Por certo, que bem fez o Cavallo em deste modo me ferir, irse embora, e taõ bem parado me deixar; pois eu queria matalo e comelo, mas naõ curalo.

Moralidade.

OS que querem roubar, e enganar a outros, professando Officios que nunca aprẽderaõ; muytas vezes lhes succede, ficarem muy

bem escalavrados, como o ficou este Leaõ. E, por derradeiro, nunca escapaõ de afrontas, e injurias graves; porque querem vender o que naõ sabem. O que tudo, sam muy refinadas especies de enganar, furtar, roubar, e a si atreher o alheio.

Das Aves com o Morcego.

AVia guerra travada entre as Aves, & outros Animaes, que como eram fortes, andavaõ as Aves maltratadas, & elles de vencida. Temeroso disto o Morcego, passouse do bando contrario; & andava voando por cima dos Animaes de quatro pés, feito já da sua parte. Sobreveio, nisto, a Aguia, em favor das Aves, e alcançando victoria, tomaraõ tãbem a o Morcego; & em castigo da traiçaõ que tinha feito, lhe mandaraõ que andasse sempre pelado, de noite, e ás escuras.

Moralidade.

ESta Fabula fala com os Soldados, que nũca desamparem seus Capitaẽs, nem ainda, atè nos maiores apertos. E tãbẽ com os amigos, que nũca deixẽ a amizade, em tem-

po

pò dos trabalhos. Que os que assi o fazem, igualmente saõ tidos em pouco, assi dos amigos, como dos inimigos; infamãose de Traydores, e ninguem mais delles se fia.

Do Cavalo, & do Asno.

INdõ hum Cavalo com jaezes ricos de seda e ouro, de muyto preço, encontrou no caminho a hum Asno carregado, & disse lhe, com muyta soberba: Animal descommedido, porque naõ me das lugar, nem te desvias para que eu passe? Calou, e sofreu o pobre do Asno. Mas dahi a poucos dias emmanqueceu o Cavalo, e puseraõ o de albarda, pera servir. Acertou, em taõ, o Asno de tanbem o achar e encontrar carregado de esterco, e disse lhe: Que vay irmaõ? Onde esta vossa soberba? Porque naõ mandais agora que me arrede? como faziés, em outro tempo, com tanta presuncam e arrogancia!

Moralidade.

NInguem despreze a os pequenos, nem a os pobres, por se ver farto, abũdãte e bẽ vestido: Ou cõ Honras, Officios, e Beneficios.

Porque atè as Venturas, as Condiçoẽs, e os Estados se vem muitas vezes a mudar; & a soberba passada, não serve de mais que de vergonha, injuria, e confusaõ presente.

Do Falcão, & do Rouxinol.

APossandose o Falcão, huã manhaã, do ninho onde o Rouxinol tinha seus filhos, e querendo matarlhos; começou o Rouxinol, cõ muyta brãdura, a rogarlhe, que naõ lhos matasse, e que elle o serviria, e lho saberia muy bem agradecer. Disse o Falcão, que era contente; se cantasse de modo, que o satisfizesse. Começou, ẽtaõ, o triste do Rouxinol a cantar muy sẽtida, doce, e suavemente; porem o Falcão, mostrandose descontente da musica, se determinou a comerlhos. E, estando ja para o fazer; eis que chega, por detras, hum Caçador, e lançandolhe hum laço a o pescoço, o prendeo, e o foi levando a rasto. E ficou, assi, o Rouxinol livre, e seus filhos em salvo.

Moralidâde.

POr este Falcam, se significão os Tyranos & desalmados; que, por nenhũas razoẽs,

zoẽs, ainda que muy justificadas, nunca querẽ desistir de agravar a os que pouco podem. Mas, neste entremeio, chega a Justiça divina, que os caça no laço da morte, & os lança no inferno. E, muytas vezes, pera consolação dos bons, os aflige, nesta vida visivelmente, com muytas penas e tormentos temporaes, e insupertaveis.

Das Arvores com o Machado.

VEndo, hũa vez, as Arvores hum Machado de aço bem forjado; mas que por falta de Cabo, se naõ podia cortar, nem fazer nada com elle: disseraõ ao Zãbugeiro, que lhe desse hum. E como o Machado esteve encavado, veio hum homem e tomou o; &, com elle, começou a fazer *Ma*deira, e a destruir o Arvoredo. Disse, entaõ, o Sovereiro ao Freyxo: Nos temos a culpa, que para nosso mal, demos o Cabo ao Machado. Porque, a naõ lho darmos, bem seguras pudéramos estar delle.

*M*oralidade.

QUem vir a seu Cõtrario, Inimigo, e Adversario inhabilitado, pera lhe poder

fazer algum mal, naõ seja taõ doudo, que para isso o habilite: nem lhe de armas, ainda que o veja desarmado. Virtude he, perdoar ao inimigo, mas parvo he quem, alem de lhe perdoar, o favorece tanto, que despois possa, com̃ pouca ajuda, matalo, destruilo, & arruynalo.

Do Asno, & do Mercador.

CAminhando hum Tendeiro para a Feira, levava juntamente carregado de mercadoria hum Asno, que de muyto fraco andava de vagar. O Mercador cobiçoso, com desejo de chegar, dava tanto no Asno, que ja se naõ podia bolir; atè que, por derradeiro, veio a cahir no caminho com a carga, e assi morreo e acabou. Depois de morto, o esfolaraõ: & da Pelle fizeraõ hum tambor, em que de contino andavaõ tocando, tangendo, & batucando.

Moralidade.

OS q̃ sabẽ aproveitarse dos trabalhos da vida, e cõ tẽpo se aparelhaõ pera a morte, vẽ finalmẽte a descãsar cõ ella. Porẽ, os q̃

como As-

Asnos, neste mundo vivem, sem se lembrarem que, despois delle, ha ainda outra vida; depois de nesta padecerem muitos trabalhos, miserias, e desaventuras: vem tanbem, por derradeiro, a, como Asnos morrerem, acabarem, de todos serem escarnecidos, e a, na outra, para sẽpre, dos Demonios atormentados. Pelo que, com razam, saõ comparados, nesta Fabula, a os Iumentos; cuja pele, na morte e na vida, he sempre mui bem curtida.

Do Rato, & da Doninha.

HUma Doninha, como ja de velha & cãsada, naõ pudesse mais caçar; usava desta manha: Enfarinhavase toda, e punhase muito queda a hum canto da casa; & estando, assi, muy sorrateira e agachada, vieraõ algũs Ratos, que cuidando ser outra cousa, chegavaõ por comer, & ella os comia a elles. Por derradeiro, veyo tanbẽ hũ Rato velho, que tinha jà escapado de muytos trances; e, posto de longe, disse lhe:

Por mais artes que uses, naõ me colheras tu a my; engana tu, embora, a estes pequenos, que de ti se querem deixar enganar: porque eu conheçote muyto bem, & assi, naõ ajasmedo que me chegue nunca a ty. E, dizendo isto, foise embóra.

Moralidade.

NEsta Doninha se pode ver, qne quem em màs manhas he criado, nem por doença, nem por fraqueza, nem por velhice as perde. Quem se aveza a furtar, ou o baraço ou a morte lho ha de tirar; Pois quando jà naõ pode usar de sua força, nẽ por isso deixa nunca de cõ rebuços, manhas, e trayçoens usar sempre de seu mao officio, como quẽ ja de todo tẽ perdida a vergonha ao Mũdo, e o temor a Deos. Da qui vẽ o ditado, q̃ diz, que, Qujen malas mãnas tiene, Tarde, o, Nunca las pierde. E por tanto, seguindo o Exemplo do Rato velho e prudente, nunca nos fiemos, nem cevemos, e muito menos, nos deixemos enganar de algũas apparencias exteriores, que, atè as melhores, trazem muitas vezes, debaixo de si, emcuberta a mais refinada malicia. Esta he a razaõ, porque tanbem o

Se-

Senhor, no Evangelho, taõ encarecidamente nos avisa, que sempre andemos á lerta, e naõ nos fiemos, antes nos vigiemos e bem guardemos dos homens; & que, para isso, naõ sómente sempre sejamos e nos mostremos Simpleces e Innocentes, como Pombas: Mas, tanbem, Prudentes e Avisados, como Serpentes.

Da Raposa com as Uvas.

CHegando a Raposa a huma Parreira, & vendo a carregada de Uvas, ja bem maduras, e muy fermosas; cobiçou as muito, e ficou cõ grande võtade de bẽ dellas se fartar. E, querẽdo cũprir seu desejo, começou a fazer todas suas diligencias pera subir a ella; porẽ como estavaõ altas, e era ingreme a subida, por muyto que fez, naõ pode trepar. Pelo que, disse: Ora basta, que ainda estas Uvas estaõ em agraço, & desbotarmehão os dentes; naõ quero mais cansarme, nem colhelas verdes, que tanbem eu sou muy pouco amiga dellas. E dito isto foise, e deixou as, como quem dellas fazia pouco caso.

Mo-

Moralidade.

PArte he do homem prudente, e avisado, mostrar que em maneira nenhũa deseja as cousas que á boamẽte não pode alcançar. Que quem, com prudencia, bem sabe encobrir suas faltas, achaques, & desgostos, naõ dà gosto a quem lhe quer mal, nem menos desgosto a quem lhe quer bem. E ainda que isto, em todas as cousas, seja verdade; tem porem, máis lugar nos casamentos. Que dar mostras de grandemente os desejar, sem com tudo os poder aver, he baixeza e pouquidade; & siso, animo, prudencia, e generosidade he, mostrar o homem que naõ lhe lembram, ainda que muito os cobiçe, e os deseje?

Do Pastor com o Lobo.

FUgindo hum Lobo de hum Caçador, que vinha em seu seguimento, diante de hum Pastor se escondeo em huãs moutas, rogandolhe, que se o Caçador por elle lhe perguntasse, dissesse, que era ido. Ficou o Pastor de o assi fazer: e chegãdo o Caçador, e perguntando polo Lobo, o Pastor lhe dizia, que era ido; mas com a cabe-

beça lhe acenava pera onde estava. Naõ attentou o Caçador nos acenos, e foise. Entaõ saindo o Lobo, disse lhe o Pastor, que vai, amigo, muito me deves, bom valedor tiveste em mim! Valeume a mim Deus (respondeo o Lobo) em naõ permitir que te entendesse o Caçador, polo que, nada te deuo. Antes, se bemdigo e abençoo tua lingoa, a maldiçoo e maldigo tua cabeça, que tanto fez por me descubrir!

Moralidade.

NOtaõse, nesta Fabula, os que do mal que urdiraõ (ainda que naõ teve effeito) querem, com tudo, tirar agradecimentos. Mostrase, juntamente, quanto perigo seja quererem os homens, em seus trabalhos, valerse de seus inimigos; que, quando se querem mostrar muito fieis e primorosos, entaõ, cuidão, que assaz satisfazem, com só se mostrarem Neutraes.

Do Asno, & da Cachorrinha.

VEndo o Asno, que seu Amo brincava com hũa Cachorrinha, e se alegrava com ella, & a tinha à mesa, dandolhe de

comer

comer, porque o afagava, e saltava nelle, vindo de fora, creu que se outro tanto lhe fizesse, tanbem seria estimado. E, com esta inveja, se foi a o Senhor, em entrando de fora, e pondolhe as patas dianteiras sobre os hombros, começou a querer lamberlhe o rosto com a lingoa. Espantado o amo, brada, e acodem os criados; &, a poder de muytas pancadas, tornaram a meter ao Asno em sua estrebaria.

Moralidade.

NInguem cometa mostrar abilidades, que a natureza lhe negou. Cante o Musico, pratique o Letrado, o Soldado trate de armas, o Piloto de sua arte; & assi tudo irá bem. Que, quẽ quer meterse nas alheas, por ganhar terra, e contentar a outrem; ou sahira, como este Asno, muy bem espancado; ou o mandaraõ á estrebaria, a comer palha, com outros de sua igualha.

Do Leam com o Rato.

EStando o Leaõ dormindo, andavaõ hũs Ratos brincando ao redor delle, & saltandolhe por cima, o acordaraõ. Tomou elle hum entre as maõs, e estava pera

o ma-

o matar: mas polo ter em pouco, e polos muitos rogos, com que lho pedio, o soltou. Succedeo, dahi a pouco tempo, cahir o Leaõ em hũa rede, onde ficou liado, sẽ poder valerse de suas forças: e sabendoo o Rato, tal diligencia pos, que roeo brevemẽte os laços, e cordeis ẽ q̃ o Leaõ miseravelmẽte se via preso e enredado. E, assi, ó soltou, e se foi livre, em pago da boa obra que lhe fizera.

Moralidade.

DUas cousas temos aqui que notar. Primeiramente, o agradecimento que se deve a qualquer boa obra; & em especial, a quẽ perdoa algũ agravo, podẽdo delle vĩgarse, como este Leam podia. Segundariamente, quanto devem os Poderosos estimar a amizade de qualquer homem, por muy fraco que seja. Porque qualquar pode vir a fazer mal: & senaõ podem fazer mal; todos, porem, podem fazer bem.

Do Milhano, & de sua Mãy.

EStando o Milhano enfermo, e receando a morte, que via jà chegada: rogou, de proposito, a sua mãy, que fizesse, por

por ſua ſaude, muitas oraçoẽs e petiçoẽs a Deus. Reſpondeo ella: De boa vontade, filho, as fizera eu, mas temo que naõ te preſtem. Porque como gaſtaſte a vida toda em males, e ſempre com teu eſterco çujaſte ſeu ſancto Templo, e aſſi agravaſte a ſeus ſervos, receio que naõ me quererá ouvir, ainda que, por tua ſaude, muito lhe rogue.

Moralidade.

BEm ſe deixa entẽder q̃, por eſte Milhano, ſe ſignificam os homẽs, que toda a vida ſaõ eſtragados, e guardaõ o arrependimento para a hora da morte. Tanbem eſta Fabula enſina, quanto perigo correm os que de contino andaõ offendendo a Deus, e agravando a os bons e virtuoſos. Pois, aſſi, permite, muitas vezes, a juſtiça divina, que não venhaõ á ſer ouvidos, quando mais o haõ miſter: & delle, ou por ſuas proprias oraçoens: ou polas de outros, emtaõ, ſe querem vir a valer.

Da Porca, & do Lobo.

EStava huma Porca cõm dores de parir. & hum faminto Lobo ſe chegou a ella, di-

dizendo, que era ſeu amigo, e tinha dó de a ver taõ deſéparada, que queria ſervirlhe de Parteira. Bem entendeo a Porca, que vinha elle por lhe comer os filhos; & aſſi, diſſimulando, diſſe, que naõ pariria em quanto elle alli eſtiveſſe, que era mui vergonhoſa, e que ſe pejava delle, que era ſeu afilhado; por tanto, que ſe foſſe, e a deixaſſe parir, e que deſpois tornaria. Fêlo o Lobo aſſi; mas em elle ſe deſviando dalli, logo a Porca tanbem ſe foy a buſcar hum lugar mais ſeguro, em que, ſem nenhum receio do Lobo, muy deſcanſada, & á ſua vontade, pudeſſe parir.

Moralidade.

QUando, os que tem fama do Lobos, fazẽ mais afagos; emtaõ ſe ha de fogir muito mais delles. Porque, os taes, nunca fazem bẽ por virtude, ſenaõ ſó por ſeu intereſſe. E quem deſtes ſe naõ pode livrar por força, deve logo apartarſe delles com diſſimulaçoens. Que tanto eſtará mais ſeguro de, com ſeu fogo, ſe queymar, quanto mais longe delles eſtiver, e ſe retirar.

Do Velho com a Mosca.

REpousava, a soalheyra, hum Velho calvo, com a cabeça descuberta; & hũa Mosca naõ fazia senaõ picarlhe na Calva: Acodia logo o Velho cõ a maõ, e como ella fogisse muy ligeira e depressa; dava o Velho ẽ sy mesmo grãdes palmadas, de que a Mosca muito gostava, e se ria. Disse lhe, entaõ, o Velho: Ridevos vos ẽbora, quantas vezes eu der em mim, que isso naõ me ha de matar; mas se eu hũa só vos acertar, ficareis logo morta, e assi pagareis juntamẽte o novo e mais o velho.

Moralidade

MAncebos ha, que em zombar e escarnecer de homẽs velhos, graves, e sesudos, saõ mais importunos ꝗ Moscas: & assi nũca descansaõ, atè que o homem grave, polos castigar, lhes descobre huã falta sua, com que, de injuriados, os deixa mortos. Eu, por esta Mosca, entẽdo tãbẽ algũs Malzelosos, ꝗ trabalhando por dar desgostos a Senhores poderosos, ou fazendo sobrancerias às Iustiças: escapam, com tudo, muytas vezes; Porem tantas tornaõ á isso, que de algũa vem a cair

no

no Brete; & por derradeiro, a ser taõ fustigados, que de todo ficão afrontados, perdidos, e arruynados.

Do Cordeiro, & do Lobo.

ANdando hum Cordeiro entre humas Cabras, chegouse hum Lobo a elle, dizendolhe: Naõ sabes, que naõ he este o teu Rebanho? vem te commigo, levartei a tua Mãy! Respondeo o Cordeiro: Naõ quero; porque estas Cabras me querem muito; e me fazem maes mimos, que a seus proprios filhos. Com tudo, replicou o Lobo, melhor estaràs com tua Mãy! Bem estou aqui, disse o Cordeiro, naõ quero provar ventura; que, por bem que me succeda, naõ deixará o Pastor de me tirar o velo, e ficarei morrendo de frio.

Moralidade.

MOstra nos esta Fabula, que a companhia dos bons Amigos, he mais segura, que quanto Parentesco tem o Mundo. Que o parente sem amor, nem he amigo, nem parente; & o amigo verdadeiro, he parente, e amigo. Tanbem o Cordeiro nos avisa, que quem està bem, naõ se bula; que pro-

var ventura, he pera quem a naõ tem. E quẽ tem o necessario, e esta quieto, contentese cõ a sua; & guardese de empeorar, buscando nova fortuna.

Do Homem pobre, & da Cobra.

COstumando hum Homẽ pobre de afagar, e dar de comer a huma Cobra, que em sua casa andava; em quanto assi o fez, naõ lhe parava nẽ hũ só rato nella. Despois, por certo agastamento que teve, deulhe huma grande ferida; &, assi, se foi a Cobra ẽbora. Vendo elle que, cõ sua ida, a casa se lhe tornava toda a ẽcher de ratos; com muitas palavras, e humildade lhe pedio perdaõ, e que se lhe tornasse a ella, que nenhum mal maes lhe faria! Respondeo a Cobra: Eu de boamente te perdoo; mas naõ te ha isso de prestar, pera a tua casa me poderes tornar a levar: que esta ferida sempre me ha de doer, e sempre de ty me ha de estar pedindo vingança.

Moralidade.

QUis Esopo mostrar, nesta Fabula, o que cà costumamos dizer: Aquem errares, naõ

naõ lhe creas; porque a memoria dos agravos, he eterna. Por tanto, quem injuriou a algum amigo seu, e despois com elle se veio a reconciliar: advirtolhe que, por muito amigos que d'antes fossem, e ainda pareça que agora o saõ, e que no exterior mostre que ja do passado lhe naõ lembra nada; tenha, com tudo, por certo, que ainda là, no mais secreto do coraçaõ, està muitas e ainda as maes das vezes guardada a memoria da injuria. Ou senaõ, quando menos o esperar, acharà, por propria experiencia, e para seu inteiro desengano, a verdade e efficacia desta taõ necessaria Advertencia.

Do Bogio com o Lobo, & com a Raposa.

QUerelou, huã vez, hum Lobo de huã Raposa, dizendo, que lhe fizera hum furto. Era Juiz o Bogio, e a Raposa negou forte, e disputando, assi, ambos diante do Juiz, foraõ descobrindo quantas maldades sabiaõ hum do outro. Despois de o Bogio os ouvir, pronunciou sentença, dizẽdo, que o Lobo naõ provara bem serlhe

feito furto algum; mas que, d'outra parte, elle entendera, que a Raposa tinha furtado alguã cousa: por tanto que, por final sentença, os condenava a ambos, que ficassem, entre si, sempre desavindos, & eternamente suspeitosos.

Moralidade.

NAtural he, cuidarem sempre Maliciosos, & Mentirosos, que nam haja homem nenhum que de veras seja bom, nem verdadeiro; &, por estas suspeitas, condenarem a quantos conhecem, e nam conhecem. Tanbem mostra esta Fabula, que os Juizes que, para condenar, se regem, naõ pela prova, senaõ sò por suspeitas; tẽ saber de Bogios, que tudo sabem pera mal, e nada pera bem. Finalmente, nos ensina, que vejamos bem de quem nos confiamos, e a quem nossos segredos descubrimos; pois muy bem sabemos, quam verdadeiro he o ditado, que diz, que, Pelejas de Comadres, descobrem as Verdades. Mas que, nem por isso sejamos nos taõ baixos, que venhamos a fazer publico, na Porfia, o que na Amizade, em segredo, nos foi descuberto.

Da

Da Faya, & do Canaveal.

A Faya, alta, e direita, naõ queria dobrarse ao vento; antes vendo ao Canaveal, que facilmente a elle se meneava, o aconselhava, que se tivesse teso, firme, e sẽ dobrarse. Respondeo o Canaveal: Tu, que tens mais profundas raizes, poderas melhor resistir; que eu, que as naõ tenho tam compridas, nem sou tam forte como tu, naõ me quero arriscar. Dizendo isto, veio, de repẽte, hũ pè de vẽto cõ tãta braveza, q̃ logo arrãcou a Faya, cõ rayzes, & com tudo; & assi, de todo, deu com ella d'avesso. Mas o Canaveal, que se dobrou, moveu, e abaixou, ficou livre, seguro, & em pé.

Moralidade.

MOstra bem esta Fabula, quaõ sugeitos estaõ a desastres os Soberbos, e os que a ninguem se querem dobrar, nem humilhar. E, por outra parte, quã segura he a humildade; pois sẽpre os que sofrẽ e padecẽ cõ paciẽcia e discriçaõ, e obedecẽ e se sugeitão á oc-

currencia dos tempos (ainda que pareçaõ fracos Canaveaes) ficaõ e permanecem, porèm, muy mais seguros, quietos, e descansados, do que os mais Altivos, Soberbos, & Avantajados.

Da Formiga, & da Cigarra.

EStando, huma vez, a Formiga, no Inverno; tirando de sua cova, a assoalhar, o trigo que nella tinha: a Cigarra, cõ as maõs postas e alevantadas, lhe pedia, que repartisse com ella, que estava morrendo á fome! Pergũtoulhe a Formiga, q̃ fizera no Estio e no Veraõ? porq̃ naõ ajũtara nem guardara algũa cousa, nelle, para se manter? Respondeo a Cigarra: o Veraõ e Estio gastey em cantar, e em continuos passatempos, pelos campos: &, assi, naõ tenho agora nada? A Formiga, emtaõ, perseverando em recolher seu trigo, lhe disse: Amiga, pois os seis meses de Veraõ gastastes em cantar, e em, pelos cãpos, o tempo passar: bailhai e salteai tãbẽ, agora, os seis do Inverno; que o bailhar e saltear, he comida muy saborosa, e ainda de melhor gosto, para semelhantes Cantores, Musicos, e Salteadores, como vos.

Moralidade.

NOtorio he significarẽse, pela Formiga, as Pessoas trabalhadoras, diligẽtes, & guardadoras. Por tãto, nos ensina esta Fabula, que todos sejamos como a Formiga, e nũca confiemos no que outrem nos ha de dar, ou emprestar. Que, com muita razaõ, se pode negar tudo aos Perguiçosos: se, como Cigarras, affeiçoados a musicas, galhofas, e passatẽpos, gastão o tẽpo em vaidades, doudices, e leviandades. Porem trabalhar, ajuntar, e guardar, he o mais certo e seguro caminho, para sempre ter o necessario, e nunca de nimguem aver mister de o ir a mendigar.

Do Caminhante, & da Espada.

ACHando hum Caminhante huma Espada bẽ guarnecida, em meio de huã estrada: perguntoulhe, quem a perdera, e a deixara alli? Calouse ella, e esteve queda. Despois, sendo outra vez perguntada, respondeo: Ninguem me perdeo a mim, ainda que neste chaõ me ves lançada: antes eu fiz perder a muytos, que dãdo ocasioens a brigas, mataraõ cõmigo algũs:

De que resultou, ficarẽ perdidos os Matadores, e os Mortos ainda mais perdidos, senaõ he que, emtaõ, acabaraõ em graça; pois, sem duvida, caminháraõ pera o Interno.

Moralidade.

POr esta Espada, entendo as Linguas dos homens desalmados & mexeriqueiros, e que por maos respeitos, ãdaõ sẽpre ẽganãdo a gente moça, levandoa a casas de jogo, e a outras ainda peiores, e desviãdoa, assi, da obediencia de seus pays. Porque, com ellas, mataõ estes mil vezes, naõ sô as famas, honras, e fazendas albeas; mas tanbem as vidas, almas e cõsciẽcias de todos os com quẽ tratã e juntamente conversaõ. Tanbem, por esta Espada, se podem entender as Armas, Riquezas, e Prosperidades terrenas, que de si mesmas saõ boas, e a nimguem empecem: mas de que muitos, ordinariamente, maes abusaõ, para sua propria perdiçaõ, vergonba, e confusaõ, do q̃ dellas se servem, e bẽ usaõ, para sua propria defensa, descanso, e salvaçaõ.

Do *Asno*, & do *Leam*.

ENcontandrose, huma vez, em hum caminho

minho, hum Asno com hum Leam, disselhe: Subamos a hum Outeyro, que quero que vejas os muytos e varios Animaes que, de ordinario, ham medo de mim! Riose o Leam, & com tudo, foi cõ elle, para ver em que paravaõ todas suas Roncas. Zurrou, entaõ, o Asno, e fez fugir grande numero e cantidade de Lebres, Coelhos, Zorras, e outros semelhantes; & disse lhe, ẽtaõ: Que te parece! ves agora o medo com que todos fogem de mim? Fogem de ti (respondeo o Leaõ) os fracos, covardes, e innocéntes, que até de ouvir bradar cobraõ medo; mas eu, que de veras sou forte, valente, e animoso, sem brados, desfaço ás maõs a os maes valentes. Pelo que, de nenhũ, nẽ de ti mesmo, que tanto roncas, tenho eu, nem ainda o menor temor.

Moralidade.

CErto he, nos que de ordinario se querem mostrar valentes, andarem sempre deitãdo feros, brados, e bravatas, entre gente mansa, quieta, e pacifica, para assi espantarem a homẽs fracos, covardes, e de pouco ani-

nimo. Mas o verdadeiro valente, afronta-se de gritar, & de o ouvirẽ: porque, pelas obras, e naõ pelas palavras se conhece cadahũ. Naõ està na boca a valentia: no coraçaõ, no animo, e nos braços consiste, o parecerse o Homem com o Asno, ou com o Leam.

Da Gralha com a Ovelha.

VIndo huma Gralha ociosa a pousar sobre o pescoço de hũa Ovelha, alli a estava arrepelando, tirando lhe á lãa, & picando a por entre ella. Virou, emtam, a Ovelha o rosto, dizendo: Essa manha, ruim e antiga, ouvereis vos ja de deixar e esquecer: ou, quando naõ, yr vos a picar no pescoço a hũ Rafeiro, e elle vos mataria, e assi muy facilmente volo pagaria. Respondeo a Gralha: Jà eu sou velha, & assi sei muito, & bem conheço a quem, a meu salvo, posso agravar, e a quem, para meu proveito, devo afagar. Assi que, naõ temas que nunca no pescoço do Cão me venha á pór, senaõ só no teu, que nenhum mal, por isso, me podes fazer.

Moralidade.

Esta Gralha significa algũs Malfazejos revoltosos e desinquietos q̃, de contino, andaõ

molestando, com obras e com palavras, a os Homens de bem, mansos, quietos, e pacificos; mas que, encontrando com algum que he duro de fechos, e lhes mostra os dentes, entaõ encolhem os hombros, e passão com comprimentos. Porque, com Ovelhas saõ Gralhas, & com Rafeiros saõ Ovelhas.

Do Boy, & do Veado.

FUgindo hum Veado de hum Caçador, se acolheu á Villa: & entrando, medroso, em huma estrebaria, açhou nella á hum Boy, aquem perguntou, se podia esconderse alli? Disselhe o Boy, que se alli se ficava, o mais certo era, que avia de morrer, & que, assi, o mais seguro seria tornarse ao mato: com tudo elle o escondeo, & o cobrio muy bem de palha. Mas vindo o dono da estrebaria, e olhando por ella, vio as pontas do Veado, & indo as a descobrir, achou o que era. Mas disselhe: Já que, de tua propria vontade, te vieste a minha casa, naõ te quero matar, senaõ defender te: &, sobre isso, fazer te ainda muitos mimos, favores, & regalos.

Moralidade.

Muitos, de mofinos, e desesperados, pôr fugirem da sertãa, vẽ a dar cõsigo nas brasas

mas ha, cõ tudo, algũs taõ ditosos, que lhes sucede o mesmo que a este Veado. E na verdade, ditoso he quem, sendo perseguido, acerta de se acolher a casa de gente taõ Nobre e fidalga, que naõ sò o he no nome, mas tanbem nas obras, e na verdade. Porque a tal (ainda que, por outra parte, deseje beber o sangue daquelle que de sua casa se val) com tudo, obrigada do seu, por derradeiro, o salva e favorece: deitando odios de parte, por guardar põtos de hõra: e mostrar, assi, que sẽpre nella ha verdadeira Nobreza, Fidalguia, e Generosidade.

Do Homem, & do Leam.

ANdando hum Leaõ à caça, meteo hũ estrepe no pè, cõque naõ podia bulirse; & encontrando com hum homem, mostroulho, pera que lho tirasse. Felo, assi, o homem; & o Leaõ, em pago disso, partio da caça com elle. Dalli a muito tẽpo, foi tomado este Leaõ, entre outros, pera certas festas; & nellas lhe lançavaõ homens, ja a isso, por seus crimes, sentenciados,

dos, pera que os mataſſe. Entre elles, lhe lançaraõ tanbem a eſte que o curou, que por alguãs culpas eſtava preſo. Porem, o Leaõ, naõ ſó o naõ matou; mas ãtes ſe pos ẽ ſua guarda e defenſa; & aſſi o acompanhou toda a vida, caçando e trabalhando ſempre para elle.

Moralidade.

NAm ſó he Fabula, eſta ſobredita, mas tanbem Hiſtoria verdadeira, que Appion Polibiſto, Grego, conta: & tanbem Aulo Gellio, nas Noites Atticas: & delle o traz tanbem Baptiſta Fulgoſo, no 5. livro. E todos eſtes dizẽ q̃ aquelle homẽ era cativo, e ſe chamava Andruodo. Deſte Leão, naõ fabuloſo, ſenaõ verdadeiro, podemos todos aprender, a ſempre ſermos agradecidos aquem nos faz bem: pois vemos hum Bruto, tam feroz, moſtrar tamanho e tão extraordinario agradecimento. Pola meſma occaſião, dizem tanbem, que teve S. Hieronimo outro Leaõ, que naõ ſó nenhũ mal lhe fazia, mas tanbem ainda, demais, lhe ſervia de carga, defenſa, guarda, e companhia.

Do Lobo, & da Raposa.

APparelhando, e provendo hum Lobo sua cova muito bem de mantimento, chegouse a elle huma Raposa, & disselhe que, obrigada de seu amor, ãdava tras elle, por velo, e servilo! Naõ quero teu amor, nem teu serviço, disse o Lobo, que tua intẽçaõ naõ he amaresme, nẽ serviresme, senaõ roubaresme, e comeresme o que tenho. Vendose a Raposa desenganada, & ainda, sobre isso, muy alcançada, buscou quem matasse a o Lobo: & assi se meteo de posse de sua cova, e de tudo quanto nella estava. Mas, sobrevindo hũs Caçadores, foi achada, e presa dos caẽs: &, por derradeiro, morta e feita em pedaços.

Moralidade.

NA morte desta Raposa, se declara o Fim que merecem, e de ordinario tem, os que desejaõ e procuraõ a morte a seus amigos e parentes: por, em sua vida, lhes naõ darem o que injustamente lhes pedẽ, e só ẽ suas vaidades querem gastar; &, por delles, ante tempo, quererẽ herdar o que Deus nosso Senhor ainda lhes naõ quer conceder. Que, os taes, se

che-

chegaõ a alcançar o que pretendem, por meios tam illicitos; por derradeiro, as mais das vezes, nunca o vem a gozar: e, muytas, cõ a vida e cõ a honra o vem a perder. Porque, o mal adquirido, e peior ganhado, dizẽ os Latinos, que, por entre as mãos se escorrega. E eu acrecento, que, de diante dos olhos desaparece, por entre os dedos se vay, & por debaixo dos pés se soverte.

Do Leam, e dos outros Animaes.

ELeito o Leaõ por Rey de todos os outros Animaes, prometeo de a nenhum fazer mal. E, logo, chamandoos a cortes, os pós a todos, por boa ordem, em roda; & assi os hia correndo, de hum em hum, e juntamente lhes dava a cheirar o seu bafo, perguntandolhes, o que delle lhes parecia? Os que diziaõ que lhe cheirava mal, matavaos; os que diziaõ que bẽ, feriaos. Andando, pois, cõtinuãdo assi, por derradeiro, chegou á Mona; e pergũtoulhe, como a òs demais, se lhe fedia o bafo? A Mona o cheirou; e dizendo que naõ, se foi. Porem, o Leam, pola aver ás maõs, se fingio doẽte: e disse que sararia, se a comesse.

E, assi, por esta manha, tomou ocasiaõ de a matar.

Moralidade.

POr mais Bogio que o Homem seja, & ainda se faça, nem por isso se pode livrar do Rey tyrano; porque, ou falle, ou nã falle, ou delle diga bem, ou mal? lá lhe ha de ir a buscar huma naõ sei que ocasiaõ de, finalmente, o vir a destruir. Porque como, na maõ, tem o poder & o querer, faz tudo muito a seu salvo. Daqui vem tanbem o Ditado que, ordinariamente, de semelhantes Tyranos se diz; La vaõ Leys, onde querem Reys? E o que tanbem os taes, de si mesmos, vulgarmente sentem, dizem, & effeituaõ: Sic volo, sic jubeo; sit, pro ratione, voluntas. *Meu querer, e meu mandar; he a Ley que heys de guardar.*

Do Veado com o Caçador.

EStando bebendo hum Veado em hũa ribeira, e vendo que seus Cornos eraõ taõ fermosos como ramos, e que as Pernas tinha taõ delgadas como canafistolas; pareceraõlhe as Pernas taõ mal, q̃ ficou pesaroso de as ter: &, por outra parte, taõ satisfeito

da

da fermosura dos Cornos,que, de contente,se fez Soberbo. Mas, eis que ainda bem naõ sahia da agoa,quando dà sobre elle hũ Caçador;pelo que lhe foi forçado valer se, emtaõ, dos pés, que pouco antes desprezara, e sempre o punhaõ em salvo. Mas entrando por hum arvoredo basto, entrãpavaõselhe os Cornos cõ os ramos das arvores,em que tãto se embaraçou,que logo foi ferido,preso, e tomado. Pelo que, vẽdose em taõ miseravel estado, dizia: Grãde parvo fui! que oque tãto bem me fazia, tanto o desestimei; fazendo,ao contrario, tanto caso do que taõ nocivo me era, e, por derradeiro, me veio a causar a morte.

Moralidade

A Cegueyra deste Veado temos todos;pois pomos nossa Bemaventurança em aver cousas que, depois de alcançadas, ainda que no principio nos alegrem, saõ, em fim, causa de nossa total destruiçaõ. Portanto, aprendamos a somente pedir a Deos, nos dè cousas com que nesta vida o sirvamos, &, despois della, nos salvemos; porque elle só sabe o que a cadahum he bom: e nòs, de nos mesmos,

naõ sabemos mais nada, e naõ só buscar, engenhar, e grangear nossa propria perdiçaõ.

Da Bicha com a Lima.

BUscando huma Bicha de comer, na tẽda de hum Ferreyro, foy topar com huma Lima, e pos se a roela; mas como cõ os dẽtes naõ podia entrar por ella, pola dureza do aço, ãdavalhe dãdo muitas voltas, e virãdo a de todas as bandas. Enfadada ja a Lima, de tanto se ver andar aos tõbos, lhe disse: Que estás fazendo parvoa? Naõ sabes ainda que toda sou de ferro, & de aço, e sobre tudo Lima! E que, por muito que trabalhes, antes te viras primeiro a quebrar e desfazer todos os dentes, doque em mim possas vir a fazer, nem ainda, a menor mossa! Pois eu, com só os meus de aço, bem agudos e temperados, em pouco tempo posso cortar e serralhar os de todos: e juntamente roer, abrir, e, de todo, desfazer qualquer Arma, a que chegar puder.

Moralidade.

Os Valentes, sempre fogem de hum cõ

o outro brigar; e hum Mao, e poderoso, guardase de pelejar com outro, taõ Mao e poderoso como elle. Que, entre iguaes, sempre a briga he duvidosa; & por isso, de ordinario, com os humildes, bonachos, e menores, quer cada qual sempre ser Bicha peçonhenta, e Lima destruidora. Nos Grandes, Maos, & Poderosos, nunca nimguem ousa pór a boca, nem ainda a tocar, e quanto menos a meter os dentes: porque tanbem os tem, pera outro tanto fazer, e ainda peior, a quem a elles se atrever. Daqui vẽ o dizerẽ, que, De Cossario a Cossario, nũca se perde mais q̃ a muniçaõ

Dos Carneiros, & do Carniceiro.

ESTãdo, no Curral, ja jũtos os Carneyros entrou o Carniceiro: & elles nẽ se alvoroçaraõ, nem disso fizeraõ algum caso. Tomou, pois, o Carniceiro a hum, e logo o matou: & nẽ cõ ver morto áquelle, e seu sangue todo por terra derramado, temera os outros mal algũ. Foi, ẽ fim, o Carniceiro por diãte, e assi os foi matãdo a todos, hũ a hũ, atè o Derradeiro. O qual vendose maniatado, disse: Por certo que, cõ razaõ, padecemos: pois, vendo nosso mal naõ quisemos entendelo. No principio

às marradas nos puderamos nos, contra este taõ desalmado Carniceiro, todos jũtos, muy bem aver defendido, vendo que a todos taõ cruelmente nos hia matando. Mas, entam, quando bem podiamos, nam o quisemos; & agora que eu bem o quisera, naõ posso, que já estou só, amarrado, & desamparado. E assi, por nossa propria culpa, acabamos todos, innocente, parvoa, e miseravelmente.

Moralidade.

DIz o Proverbio Portugues, que, Quando arderem as Barbas de teu vezinho, lances as tuas de remolho. Quem nos perigos alheos naõ escaramenta, naõ he avisado; que males alheos bem notados, saõ doutrina proveitosa pera o prudente. Mas quem he taõ pouco avisado que, sem nisso attentar, se deixa ir pelo caminho, por onde claramente vè, que todos se vaõ perdendo; este tal, por sua propria culpa, se perderá. E assi, como Carneiro bruto e irracional, bruta, parvoa e bestialmente morrerá.

Do Lobo com o Asno doente.

EStando hum Asno mal disposto, foy o

hum

hum Lobo a visitar; & fazendose muyto seu amigo, tomoulhe o pulso, e correolhe a mam pelo rosto, dizendolhe, que o queria curar O Asno, porque mais naõ podia, estava muy quedo, mas bem desejoso de, naquella mesma ora, se ver cem mil legoas do Lobo. O qual, entretanto, lhe hia apalpando os membros todos, e perguntando lhe, a onde era que lhe doya, e juntamente, tanto o hia apertando, e arranhando, que naõ podẽdo o Asno mais suportar, lhe disse: A onde quer que me tocas, e me poés as maõs, logo ahi me doe; e assi te rogo, que logo te vas, e naõ te canses em maes me querer curar; que em tu te indo, logo sararei no mesmo instante.

Moralidade.

NUnca os Maos saõ taõ peçonhentos, como quando encobrem sua mortal peçonha debaixo de mostras e fingimentos de verdadeiro amor. Porque, em fim, sempre o Lobo, he Lobo; e o Mao, Mao: mas quãdo afaga, ainda emtaõ he Peior. Que mostras de piedade, no Homem tyrano e cruel, saõ laços e redes que arma pera, mais facilmente

e a ſeu ſalvo, de todo deſtruir aos Burros, e aos Aſnos, que o crem, e delle ſe fiaõ.

Da Pulga, & do Camelo.

POndoſe, hũa vez, huma Pulga ſobre hũ Camelo carregado, deixouſe ir ſobre a carga huma jornada inteira; no fim da qual, ſaltou abaixo, e ſacodindoſe, diſſé lhe: Folgo, em verdade, de ja me decer, porque ja tanbem hia tendo dó de ti; agora iras ja mais leve e com bem pouca carga. O Camelo ſe rio deſte comprimẽto, e reſpondeo: Na verdade, que nunca ſenti ſe te levava encima ou naõ; nem taõ pouco tu me podes carregar, nem aliviar tanto, que eu o poſſa ſentir, pois naõ tens baſtante peſo pera iſſo. A carga que eu levo, eſſa he a que eu ſinto: que tu, naõ tens vaſo nem volume pera te ſentirem; mas ſó boca para falares, e deſenvoltura e deſaforo para em tudo te entremeteres.

Moralidade.

HOmens ha taõ leves, como Pulgas, que por ſe moſtrarem de muita importãcia, e privados de Senhores, não fazem ſenaõ entrar, e ſair, em ſuas caſas; & tomar a mão a outros, que, como os Camelos, vam a

a ellas bem carregados de negocios. E isto, por, assi, aquem delles pouco sabe, meterem em cabeça, que nellas saõ tidos em muita conta: ou que prestão para alguma cousa, naõ prestando elles para nenhuã: e sendo, sobre isso, de todos estimados, ainda menos que ẽ nada.

Do Caçador com as Aves.

COncertando, hũa vez, hum pobre Caçador huãs varas de visco, para com ellas caçar Passaros, estavaõ as Aves cantando à sombra das arvores, olhando para elle, e gabandoo de Curioso, Bemfeitor, e Aprimorado. Mas hum Passaro, já experimentado, disse aos outros: Fujamos daqui logo todos; porque este que aqui vedes, naõ quer mais que enviscarnos, prẽdernos, e acabarnos. E se me naõ quereis crer, voegemos hum pouco pelo ar, até ver o que acontece a outros. Porq̃ esse, e todos os mais como elle, a quãtos de nos lhes vẽ ás maos, ou lhe torcẽ o pescoço, ou lho cortaõ, ou lho arrancaõ; & assi mortos, presos, e envistcados, os metem em suas taleygas.

Moralidade.

SEmelhantes saõ a estas Aves, os que primeiro naõ conhecem seu mal, senaõ des-

despois que nelle vem a cair. Mas o Passaro velho, significa qualquer homem sesudo, prudente, avisado, e pela experiencia bem ensinado; cujo conselho, bem e gratamente recebido, muytas vezes livrou à muyta gente da morte, e a muytas Cidades, Provincias, & Reynos inteiros, de sua total perdição, ruyna, & destruição.

Do Veado, & do Cavallo.

PElejando algumas vezes, sobre o pasto, hum Veado, com hum Cavallo; & fazendo o Veado, cõ seus cornos, sempre fugir a o bom do Cavallo; foise elle a hum Homem, e disselhe: Poeme hum freo, & huma sella, e sóbe sobre mim, e assi matarás a hum certo Veado, que aqui anda mui fero e desmesurado! Felo o Homem assi; & morto o Veado, quiz emtaõ o Cavallo que se apeasse. Mas o Homem acolheose á posse. E assi ficou o Cavallo sogeito ao freo, á sella, e a sempre andar debaixo.

Moralidade.

ESta Fabula traz Horacio, no primeiro das Epistolas: & a declara, entendendo, pelo Cavallo, aquelle que por comer, ou se

vin-

vingar, ou fazer ventagem a outro, procura, aceita, e se obriga a servir a alguẽ. E, assi, se arrisca a, para sempre, ficar seu servo, só por naõ se contentar com o bem que tem, lhe basta, e lhe convem.

Do Buytre, & dos mais Passaros.

COnvindando o Buytre, a banquete, a todas as outras Aves, com pretexto de que queria solemnizar seu Natal: Vieraõ muytas dellas a elle; & elle as recebeu e recolheu a todas, com muita cortesia, em hũ seu aposẽto. Despois, sendo ja horas de cear, e estãdo ellas ja todas assentadas, e esperando por elle; vem o Buytre, e cerra de pancada todas as portas, e começa a matalas a todas, de hũa, a hũa. Ellas, entaõ, cõ o medo e sobresalto, ãdavaõ todas avoojãdo, por naõ aver nenhuã que cõ elle se atrevesse: e assi por derradeiro sẽ nenhuã piedade as matou o Buytre a todas; porque para isso só as convidou: ou, ao menos, para a todas as pellar, despir & depenar.

Mo-

mas ha, cõ tudo, algũs taõ ditosos, que lhes sucede o mesmo que a este Veado. E na verdade, ditoso he quem, sendo perseguido, acerta de se acolher a casa de gente taõ Nobre e fidalga, que naõ só o he no nome, mas tanbem nas obras, e na verdade. Porque a tal (ainda que, por outra parte, deseje beber o sangue daquelle que de sua casa se val) com tudo, obrigada do seu, por derradeiro, o salva e favorece: deitando odios de parte, por guardar põtos de hõra: e mostrar, assi, que sẽpre nella ha verdadeira Nobreza, Fidalguia, e Generosidade.

Do Homem, & do Leam.

ANdando hum Leaõ à caça, meteo hũ estrepe no pè, cõque naõ podia bulirse; & encontrando com hum homem, mostroulho, pera que lho tirasse. Felo, assi, o homem; & o Leaõ, em pago disso, partio da caça com elle. Dalli a muito tẽpo, foi tomado este Leaõ, entre outros, pera certas festas; & nellas lhe lançavaõ homens, ja a isso, por seus crimes, sentenciados,

dos, pera que os mataſſe. Entre elles, lhe lançarão tanbem a eſte que o curou, que por alguãs culpas eſtava preſo. Porem, o Leaõ, naõ ſó o naõ matou; mas ãtes ſe pos ẽ ſua guarda e defenſa; & aſſi o acompanhou toda a vida, caçando e trabalhando ſempre para elle.

Moralidade.

NAm ſó he Fabula, eſta ſobredita, mas tanbem Hiſtoria verdadeira, quē Appion Polibiſto, Grego, conta: & tanbem Aulo Gellio, nas Noites Atticas: & delle o traz tanbem Baptiſta Fulgoſo, no 5. livro. E todos eſtes dizẽ q̃ aquelle homẽ era cativo, e ſe chamava Andruodo. Deſte Leão, naõ fabuloſo, ſenaõ verdadeiro, podemos todos aprender, a ſempre ſermos agradecidos aquem nos faz bem: pois vemos hum Bruto, tam feroz, moſtrar tamanho e tão extraordinario agradecimento. Pola meſma occaſião, dizem tanbem, que teve S. Hieronimo outro Leaõ, que naõ ſó nenhũ mal lhe fazia, mas tanbem ainda, demais, lhe ſervia de carga, defenſa, guarda, e companhia.

De

Do Lobo, & da Raposa.

APArelhando, e provendo hum Lobo sua cova muito bem de mantimento, chegouse a elle huma Raposa, & dissélhe que, obrigada de seu amor, ãdava tras elle, por velo, e servilo! Naõ quero teu amor, nem teu serviço, disse o Lobo, que tua intẽçaõ naõ he amaresme, nẽ serviresme, senaõ roubaresme, e comeresme o que tenho. Vendose a Raposa desenganada, & ainda, sobre isso, muy alcançada, buscou quem matasse a o Lobo: & assi se meteo de posse de sua cova, e de tudo quanto nella estava. Mas, sobrevindo hũs Caçadores, foi achada, e presa dos caẽs: &, por derradeiro, morta e feita em pedaços.

Moralidade.

NA morte desta Raposa, se declara o Fim que merecem, e de ordinario tem, os que desejaõ e procuraõ a morte a seus amigos e parentes: por, em sua vida, lhes naõ darem o que injustamente lhes pedẽ, e só ẽ suas vaidades querem gastar; &, por delles, ante tempo, quererẽ herdar o que Deus nosso Senhor ainda lhes naõ quer conceder. Que, os taes, se che-

chegaõ a alcançar o que pretendem, por meios tam illicitos; por derradeiro, as mais das vezes, nunca o vem a gozar: e, muytas, cõ a vida e cõ a honra o vem a perder. Porque, o mal adquirido, e peior ganhado, dizẽ os Latinos, que, por entre as mãos se escorrega. E eu acrecento, que, de diante dos olhos desaparece, por entre os dedos se vay, & por debaixo dos pés se soverte.

Do Leam, e dos outros Animaes.

ELeito o Leaõ por Rey de todos os outros Animaes, prometeo de a nenhum fazer mal. E, logo, chamandoos a cortes, os pós a todos, por boa ordem, em roda; & assi os hia correndo, de hum em hum, e juntamente lhes dava a cheirar o seu bafo, perguntandolhes, o que delle lhes parecia? Os que diziaõ que lhe cheirava mal, matavaos; os que diziaõ que bẽ, feriaos. Andando, pois, cõtinuãdo assi, por derradeiro, chegou á Mona; e pergũtoulhe, como a ós demais, se lhe fedia o bafo? A Mona o cheirou; e dizendo que naõ, se foi. Porem, o Leam, pola aver ás maõs, se fingio doẽte: e disse que sararia, se a comesse.

E, assi, por esta manha, tomou ocasiaõ de a matar.

Moralidade.

POr mais Bogio que o Homem seja, & ainda se faça, nem por isso se pode livrar do Rey tyrano; porque, ou falle, ou naõ falle, ou delle diga bem, ou mal? lá lhe ha de ir a buscar huma naõ sei que ocasiaõ de, finalmente, o vir a destruir. Porque como, na maõ, tem o poder & o querer, faz tudo muito a seu salvo. Daqui vem tanbem o Ditado que, ordinariamente, de semelhantes Tyranos se diz; La vaõ Leys, onde querem Reys? E o que tanbem os taes, de si mesmos, vulgarmente sentem, dizem, & effeituaõ: Sic volo, sic jubeo; sit, pro ratione, voluntas. *Meu querer, e meu mandar; he a Ley que heys de guardar.*

Do Veado com o Caçador.

EStando bebendo hum Veado em hũa ribeira, e vendo que seus Cornos eraõ taõ fermosos como ramos, e que as Pernas tinha taõ delgadas como canafistolas; pareceraõlhe as Pernas taõ mal, q̃ ficou pesaroso de as ter: &, por outra parte, taõ satisfeito

da

da fermosura dos Cornos,que, de contente,se fez Soberbo. Mas, eis que ainda bem naõ sahia da agoa,quando dà sobre elle hũ Caçador; pelo que lhe foi forçado valer se, emtaõ, dos pés, que pouco antes desprezàra, e sempre o punhaõ em salvo. Mas entrando por hum arvoredo basto, entrāpavaõselhe os Cornos cõ os ramos das arvores,em que tāto se embaraçou,que logo foi ferido,preso, e tomado. Pelo que, vēdose em taõ miseravel estado, dizia: Grāde parvo fui! que oque tāto bem me fazia, tanto o desestimei; fazendo,ao contrario, tanto caso do que taõ nocivo me era, e, por derradeiro, me veio a causar a morte.

Moralidade

A Cegueyra deste Veado temos todos; pois pomos nossa Bemaventurança em aver cousas que, depois de alcançadas, ainda que no principio nos alegrem, saõ, em fim, causa de nossa total destruiçaõ. Por tanto, aprendamos a somente pedir a Deos, nos dè cousas com que nesta vida o sirvamos, &, despois della, nos salvemos; porque elle só sabe o que a cadahum he bom: e nòs, de nos mesmos,

nao sabemos mais nada, e naõ só buscar, enxenha, e grangear nossa propria perdiçaõ.

Da Bicha com a Lima.

BUscando hũma Bicha de comer, na tẽda de hum Ferreyro, foy topar com hũma Lima, e pos se a roela; mas como cõ os dẽtes naõ podia entrar por ella, pola dureza do aço, ãdavalhe dãdo muitas voltas, e virãdo a de todas as bandas. Enfadada ja a Lima, de tanto se ver andar aos tõbos, lhe disse: Que estás fazendo parvoa? Naõ sabes ainda que toda sou de ferro, & de aço, e sobre tudo Lima! E que, por muito que trabalhes, antes te viras primeiro a quebrar e desfazer todos os dentes, doque em mim possas vir a fazer, nem ainda, a menor mossa! Pois eu, com só os meus de aço, bem agudos e temperados, em pouco tempo posso cortar e serralhar os de todos: e juntamente roer, abrir, e, de todo, desfazer qualquer Arma, a que chegar puder.

Moralidade.

DOus Valentes, sempre fogem de hum cõ

o outro brigar; e hum Mao, e poderoso, guardase de pelejar com outro, taõ Mao e poderoso como elle. Que, entre iguaes, sempre a briga he duvidosa; & por isso, de ordinario, com os humildes, bonachos, e menores, quer cada qual sempre ser Bicha peçonhenta, e Lima destruidora. Nos Grandes, Maos, & Poderosos, nunca nimguem ousa pór a boca, nem ainda a tocar, e quanto menos a meter os dentes: porque tanbem os tem, pera outro tanto fazer, e ainda peior, a quem a elles se atrever. Daqui vẽ o dizerẽ, que, De Cossario a Cossario, nũca se perde mais q̃ a muniçaõ.

Dos Carneiros, & do Carniceiro.

EStãdo, no Curral, ja jũtos os Carneyros, entrou o Carniceiro: & elles nẽ se alvoroçaraõ, nem disso fizeraõ algum caso. Tomou, pois, o Carniceiro a hum, e logo o matou: & nẽ cõ ver morto áquelle, e seu sangue todo por terra derramado, temerã os outros mal algũ. Foi, ẽ fim, o Carniceiceiro por diãte, e assi os foi matãdo a todos, hũ a hũ, atè o Derradeiro. O qual vendose maniatado, disse: Por certo que, cõ razaõ, padecemos: pois, vendo nosso mal, naõ quisemos entendelo. No princi-

às marradas nos puderamos nos, contra este taõ desalmado Carniceiro, todos jũtos, muy bem aver defendido, vendo que a todos taõ cruelmente nos hia matando. Mas, entam, quando bem podiamos, nam o quisemos; & agora que eu bem o quisera, naõ posso, que já estou só, amarrado, & desamparado. E assi, por nossa propria culpa, acabamos todos, innocente, parvoa, e miseravelmente.

Moralidade.

DIz o Proverbio Portugues, que, Quando arderem as Barbas de teu vezinho, lances as tuas de remolho. Quem nos perigos alheos naõ escaramenta, naõ he avisado; que males alheos bem notados, saõ doutrina proveitosa pera o prudente. Mas quem he taõ pouco avisado que, sem nisso attentar, se deixa ir pelo caminho, por onde claramente vè, que todos se vaõ perdendo; este tal, por sua propria culpa, se perdera. E assi, como Carneiro bruto e irracional, bruta, parvoa e bestialmente morrerá.

Do Lobo com o Asno doente.

EStando hum Asno mal disposto, foy o hum

hum Lobo a visitar; & fazendose muyto seu amigo, tomoulhe o pulso, e correolhe a mam pelo rosto, dizendolhe, que o queria curar O Asno, porque mais naõ podia, estava muy quedo, mas bem desejoso de, naquella mesma ora, se ver cem mil legoas do Lobo. O qual, entretanto, lhe hia apalpando os membros todos, e perguntando lhe, a onde era que lhe doya, e juntamente, tanto o hia apertando, e arranhando, que naõ podẽdo o Asno mais suportar, lhe disse: A onde quer que me tocas, e me poés as maõs, logo ahi me doe; e assi te rogo, que logo te vas, e naõ te canses em maes me querer curar; que em tu te indo, logo sararei no mesmo instante.

Moralidade.

NUnca os Maos saõ taõ peçonhentos, como quando encobrem sua mortal peçonha debaixo de mostras e fingimentos de verdadeiro amor. Porque, em fim, sempre o Lobo, he Lobo; e o Mao, Mao: mas quãdo afaga, ainda emtaõ he Peior. Que mostras de piedade, no Homem tyrano e cruel, saõ laços e redes que arma pera, mais facilmente

e a ſeu ſalvo, de todo deſtruir aos Burros, e aos Aſnos, que o crem, e delle ſe fiaõ.

Da Pulga, & do Camelo.

POndoſe, hũa vez, huma Pulga ſobre hũ Camelo carregado, deixouſe ir ſobre a carga huma jornada inteira; no fim da qual, ſaltou abaixo, e ſacodindoſe, diſſe lhe: Folgo, em verdade, de ja me decer, porque ja tanbem hia tendo dó de ti; agora iras ja mais leve e com bem pouca carga. O Camelo ſe rio deſte comprimẽto, e reſpondeo: Na verdade, que nunca ſenti ſe te levava encima ou naõ; nem taõ pouco tu me podes carregar, nem aliviar tanto, que eu o poſſa ſentir, pois naõ tens baſtante peſo pera iſſo. A carga que eu levo, eſſa he a que eu ſinto: que tu, naõ tens vaſo nem volume pera te ſentirem; mas ſó boca para falares, e deſenvoltura e deſaforo para em tudo tẽ entremeteres.

Moralidade.

HOmens ha taõ leves, como Pulgas, que por ſe moſtrarem de muita importãcia, e privados de Senhores, não fazem ſenaõ entrar, e ſair, em ſuas caſas; & tomar a mão a outros, que, como os Camelos, vam a

a ellas bem carregados de negocios. E isto, por, assi, aquem delles pouco sabe, meterem em cabeça, que nellas saõ tidos em muita conta: ou que prestão para alguma cousa, naõ prestando elles para nenhuã: e sendo, sobre isso, de todos estimados, ainda menos que ẽ nada.

Do Caçador com as Aves.

COncertando, hũa vez, hum pobre Caçador huãs varas de visco, para com ellas caçar Passaros, estavaõ as Aves cantando à sombra das arvores, olhando para elle, e gabandoo de Curioso, Bemfeitor, e Aprimorado. Mas hum Passaro, já experimentado, disse aos outros: Fujamos daqui logo todos; porque este que aqui vedes, naõ quer mais que enviscarnos, prẽdernos, e acabarnos. E se me naõ quereis crer, voegemos hum pouco pelo ar, até ver o que acontece a outros. Porq̃ esse, e todos os mais como elle, a quãtos de nos lhes vẽ ás maos, ou lhe torcẽ o pescoço, ou lho cortaõ, ou lho arrancaõ; & assi mortos, presos, e enviscados, os metem em suas taleygas.

Moralidade.

SEmelhantes saõ a estas Aves, os que primeiro naõ conhecem seu mal, senaõ des-

despois que nelle vem a cair. Mas o Passaro velho, significa qualquer homem sesudo, prudente, avisado, e pela experiencia bem ensinado; cujo conselho, bem e gratamente recebido, muytas vezes livrou à muyta gente da morte, e a muytas Cidades, Provinçias, & Reynos inteiros, de sua total perdição, ruyna, & destruição.

Do Veado, & do Cavallo.

PElejando algumas vezes, sobre o pasto, hum Veado, com hum Cavallo; & fazendo o Veado, cõ seus cornos, sempre fugir a o bom do Cavallo; foise elle a hum Homem, e dissellhe: Poéme hum freo, & huma sella, e sóbe sobre mim, e assi matarás a hum certo Veado, que aqui anda mui fero e desmesurado! Felo o Homem assi; & morto o Veado, quiz emtaõ o Cavallo que se apeasse. Mas o Homem acolheose á posse. E assi ficou o Cavallo sogeito ao freo, á sella, e a sempre andar debaixo.

Moralidade.

ESta Fabula traz Horacio, no primeiro das Epistolas: & a declara, entendendo, pelo Cavallo, aquelle que por comer, ou se vin-

vingar, ou fazer ventagem a outro, procura, aceita, e se obriga a servir a alguẽ. E, assi, se arrisca a, para sempre, ficar seu servo, só por naõ se contentar com o bem que tem, lhe basta, e lhe convem.

Do Buytre, & dos mais Passaros.

COnvindando o Buytre, a banquete, a todas as outras Aves, com pretexto de que queria solemnizar seu Natal: Vieraõ muytas dellas a elle; & elle as recebeu e recolheu a todas, com muita cortesia, em hũ seu aposẽto. Despois, sendo ja horas de cear, e estãdo ellas ja todas assentadas, e esperando por elle; vem o Buytre, e cerra de pancada todas as portas, e começa a matalas a todas, de hũa, a hũa. Ellas, emtaõ, cõ o medo e sobresalto, ãdavaõ todas avoejãdo, por naõ aver nenhuã que cõ elle se atrevesse: e assi por derradeiro sẽ nenhuã piedade as matou o Buytre a todas; porque para isso só as convidou: ou, ao menos, para a todas as pellar, despir & depenar.

Moralidade.

QUãdo os Ricos, Grãdes e Poderosos chegaõ a fazer aos Pequenos mais honra do que de ordinario costumaõ; ou os cõvidaõ cõ sò huma merce de boca, e com só huma cadeira grande, e fora do costume: por averiguado tenhaõ, que, ou dalli sahiraõ mortos, ou esfolados, ou, ao menos, pellados. Cà, os taes, ordinariamente, naõ estimaõ a os demais, senaõ só por seu, ou para seu proprio & particular interesse e proveito, e para assi sò se servirem, ou de suas Fazendas, ou de suas Vidas, ou de suas Pessoas.

Da Raposa com o Leam.

FIngindose o Leaõ enfermo, vieraõ o a visitar, á sua Cova, todos os outros Animaes. Mas de todos quantos la entravaõ nenhum tornava a sair. Entretanto elles o obedeciam, como a Rey. Mas o Leaõ, sem nisso reparar, hum a hum e pouco a pouco, os hia comendo a todos. Por derradeiro, chegou a Raposa á porta da Cova, e perguntoulhe, como estava? Replicou lhe o Leaõ, que, porque razaõ naõ entrava a velo, como faziaõ todos os outros? Res-

Respõdeo a Raposa, que naõ cõvinha, nẽ era necessario: que devia estar a casa toda chea de gẽte, pois ella bẽ via as muitas pégadas dos q̃ ẽtravaõ, e nenhuã das dos q̃ de lá pera fora sahiaõ. E dito isto, e fazẽdolhe huã grãdissima Reverẽcia, se despediu delle, e se foi embora. Moralidade.

TAnbẽ Horacio explicou esta Fabula, cõparãdose, a sy mesmo, cõ a Raposa. Dizẽdo, que naõ queria seguir os vicios dos Romanos, porque bẽ via como nenhũ escapava ao castigo. Servenos logo esta fabula a todos, de aviso, que pois, por experiencia, vemos os males ẽ que, sẽ nenhum remedio, vẽ a dar os viciosos, vadios, e estragados que, sẽ nenhuã emmẽda, ẽ seus erros atẽ o fim persseverã: fujamos nos tanbẽ sempre, e com tempo (como fazia esta Raposa) de seguir suas pégadas, paraq̃ tãbẽ, assi, nũca a nos nos venha a acõteçer outro tãto. Mas eu ẽtẽdo, que tãbẽ, e ainda mais particularmẽte nos ẽsina, que nũca, sô por agradar, servir, nẽ cõtẽtar aos Tyrnos, tãto nos sugeitemos que, por isso, venhamos a arriscar nossas vidas, hõras e fazẽdas: pois bẽ vemos que, ordinariamẽte, nada as estimão, senaõ sô polo que dellas interessaõ.

E muitas vezes, em premio do muito que por elles fazemos, nos pagaõ, por derradeiro, com ingratidoens, tyranias, crueldades, desprezos, e vituperios.

Do Carneiro grande, & dos pequenos.

ANdando hũa vez pastando tres Carneiros Moços, e hũ Marrorco; Sahio se o velho corrẽdo e fogindo, ficãdo os outros todos tres muy pasmados, e ẽ poder saber a causa. E como tãbẽ, por isso, nẽ sabiaõ nẽ ẽtẽdiaõ seu proprio perigo; riaõ se do medo, covardia, e fugida do Marroco. O qual, vendoos escarnecer, lhes disse: Vós sois poucos, parvos, e ignorantes; & naõ vedes, ou naõ attentaes que, quando vem o Carniceiro, sempre mata a os maiores: e por isso he que eu tanto temo, e com tanta razaõ fujo. E se vos nisto, cõ tempo, naõ quiserdes reparar: quando elle vier, e vos matar, emtaõ vos pesara bem a vós de demi, taõ nesciamẽte, averdes escarnecido, e de a elle, taõ parvoamente o averdes esperado.

Moralidade.

Or-

ORdinaria cousa he, Necios, Loucos, & Covardes, zõbarem sempre dos Sesudos, Valētes, e Esforçados, os Menores dos Maiores, e os Galinhas dos Galos. Porque, como os Grandes tem mais, podem mais, e ariscaõ mais nos trabalhos, perigos, e ocasioens, procuraõ tanbẽ de, com mais cuidado aviso, prudencia, e recato, melhor delles se guardar. Mas os Necios, Parvos, e Ignorantes, como tudo isto naõ julgaõ por aviso, senaõ por covardia, baixeza, e pouco siso, nem entendem as cousas como he bem e razaõ que se entandaõ: zombando assi parvoamente como Carneiros Mamoẽs, dos homens Valerosos, Magnanimos e Abalizados: vem, por derradeiro, a miseravelmente cair no deque, seguindo seu prudente conselho e generoso exemplo, bem facilmente se ouveraõ podido livrar.

Do Leam com o Homem.

ALtercando o Homem com o Leaõ, sobre qual delles seria mais valente: o Homem, pera provar sua opiniaõ, o levou a hum sepulchro, onde estava, de pedra, hum Homem afogando o a hũ Leam

que

que debaixo de ſy tinha. Mas o Leaõ ſe rio de ver iſto, dizendo: Senaõ fora Homem quem iſto aqui pós, pudera ter algũ credito; mas ſendo Homem, he muy ſuſpeito. Por tanto deixemos pinturas, & provemos iſto á força de braço. E, dito iſto, pegou logo do Homem; e, em hum ſanteamen, o derribou e eſtendeo no cham, & aſſi o matou com muita facilidade.

Moralidade.

MOſtra eſta Fabula, que he couſa muy perigoſa querer, ſó com palavras apparentes, contradizer & reſiſtir á verdade maçica e bem conhecida. Porque, fazendoſe deſpois prova, fica a mentira manifeſta, & quem a defendia envergonhado, morto, confũdido, e injuriado. Que grãde injuria he, no Homem, muy digna de ſe ſentir: & ainda muyto mais, acharſe nelle, que maliciosa, pertinaz, e teimoſamente nega a verdade.

Da Panella de barro, com a de cobre.

LEvando huma grande Corrente d'Agoa duas Panelas, á toa, huma de cobre,

bre, outra de barro, cadahũa por sua bãda; disse a de cobre à outra: Amiga, bem sabes que cadahũa de nos, de per si só, naõ tem força bastante pára fazer resistencia á agoa; mas se ambas nos ajuntarmos, he certo que si: por tanto chegate a mim, & assi lhe poderemos muito melhor resistir! Naõ quero (disse a de barro) nẽ taõ pouco a my me vem bem; porque, se a agoa faz que tu me des hum encontro, ou eu to dé a ty: de qualquer maneira, tu ficarás livre e saã, e eu que brarmehei, e farmehei em pedaços, e assi de todo ficarei perdida.

Moralidade.

QUem faz bando com Homem mais poderoso, corre grande risco. Porque, em fim, os Poderosos sempre sã de fino Cobre, & os Pobres nunca saõ, senaõ de Barro; &, por derradeiro, sempre a corda quebra pelo mais fraco. E se dous Poderosos, hum com o outro, vem e ter brigas; & depois dellas, por de todo se naõ consumirẽ, tornaõ a fazer pazes, para assi melhor se poderẽ cõservar: fazẽ, entaõ, taõ pouco caso do bem, & da honra

dos pobres que nellas os ajundarað, quê muitas vezes vem a fazer concertos semelhantes a os de Augusto com Lepido e com Marco Antonio: que, por se vingarem de seus maiores inimigos, cadahum trahiu & entregou, á morte, a seus melhores, mais fieis, e maiores Amigos.

Do Aspide, & de seu Hospede.

HUm Bicho muy peçonhento, por nome Aspide, se recolheo, huã vez, em casa de hum Homem, que o agasalhou, & manteve muy amorosamente alguns dias. Estava, emtaõ, o Bicho, que era femea, prenhe, & ja com a barriga á boca, & assi em breve tempo pario alli; & hum dos filhos que pariu, mordeo a hum dos do Homẽ que o hospedou, de que, em fim, veio a morrer. O Aspide, que vio a o Hospede muy sentida e lastimosamente chorar e lamenter polo filho: diante delle matou a todos os seus, e logo se sahio muy triste e pesaroso de casa; e nunca mais tornou a ella, só por naõ ver a lastima de quem tanto bem lhe fizera.

Mo-

Moralidade.

ESta Historia, e naõ Fabula, traz, por verdadeira, Baptista Fulgoso, no quinto Livro. E, com o louvavel exemplo deste taõ agradecido Animal, reprende a todos os que taõ ingratos e desconhecidos se mostraõ a os beneficios que de seus Benemeritos, de ordinario, recebem; pois hum Bichinho irracional, & de natureza taõ mao, mostrou, com tudo, aquem lhe fez aquelle pouco de bem; tamanho e taõ exemplar agradecimento.

Do Cam com seu Dono.

CHegando hum Caõ de hum Ortelaõ a hum poço, e vendo embaixo na agoa sua figura, começou a afagala; & tanto fez, correo, e salteou, que por derradeiro veio a cahir dentro. E andãdo ja quasi meio afogado, desceo o Ortelaõ, cõ dó q̃ delle tinha, abaixo até jũto da agoa, pera assi o salvar; mas como lhe pegasse, para o tirar, o Caõ lhe ladrou, e lhe meteo os dentes no braço, e assi lho atravessou. Vendo, pois, o Ortelaõ tãta malicia, logo, de paixaõ, e cõ a grande dor, o largou, e tornou a dar com

elle,

elle, na agoa: E logo o Caõ, tanbem, dahi a pouco se afogou.

Moralidade.

POR este Caõ, se entendẽ os Peccadores, que quando alguem, com bons conselhos, os quer tirar do poço dos peccados, em que ja andaõ meios afogados; logo, em pago disso, se viraõ a mordelo, com afrontas e maleficios, de obra e de palavra. Mas o que os taes ganhaõ he, que logo tanbem seus ajudadores os largaõ e deixaõ, como a quem saõ. E, se Deos naõ lhes acode, por derradeiro, se vem a afogar, e, de todo, a acabar em seus vicios, pera assi começar a, para sempre, no Inferno os ir a pagar.

Da Raposa, & da Doninha.

ANdava a Raposa faminta, e por hũa greta de huã parede ẽtrou ẽ hũ Celeiro de trigo. E como la dẽtro se achou, fartouse muito a sua vontade, e de tal maneira se engrossou, que naõ pode sahir por onde entrara. Disselhe, entaõ, a Doninha: Se, de te ver presa, te ẽfadas, ẽtristeces e agastas: torna te a adelgaçar, e facilmẽte te poderas ẽtaõ sair, e assi te escapar! disse-

lhe

lhe a Raposa: Na verdade que tens muita razaõ; & assi, antes eu quero padecer fome, e escaparme, doque estar farta, ficar presa, e cativarme.

Moralidade.

QUanto o Homem mais tem, tanto mais deseja, tanto mais preso e impedido està, e tanto mais sugeito e cativo se fica. O Pobre contente, ao contrario, sempre, à vontade, pode entrar, e sair, sem pejo nem impedimento nenhum; & se nem come, nem veste, nem tanto se regala como o Rico: tem, comtudo, maior liberdade, e muita mais quietaçaõ e descanso. O que, por nenhuã fartura, nem riqueza do Mundo, deve trocar nem deixar o Homẽ Sabio e Prudente que, de veras, seu descanso e salvaçaõ deseja.

Da Nora, & da Sogra.

HUã molher Casada, q̃ ainda tinha Sogra, estava muito mal cõ ella; & huã á outra se tinhaõ mui mà võtade. Acertaraõ, pois, de mãdar a esta molher certas cousas doces, ẽtre as quaes vinha huã molher, feita de especie: e disselhe, quẽ as trazia, q̃ aquella era a figura de sua Sogra. Ella partido huã migalha, q̃ meteo na boca, logo a tornou

a cuſpir, dizendo, Ora bem baſta ſer Sogra! que atè de Açucar amarga, e ſempre he enfadonha!

Moralidade.

ALem de moſtrar, eſta Fabula, hũa couſa tam ordinaria, como he o Odio ẽtre as Noras e as Sogras; (o que comtudo não he Regra taõ geral, que não tenha ſua excepçaõ; pois a experiẽcia bem claramente nos moſtra, que tanbem ha muitas ſogras que, de veras, amaõ e fazem muitos bens a ſuas noras; & que tanbem ha muitas noras que, de veras, reſpeitaõ e ſervem a ſuas ſogras.) Tanbem nos enſina quão mâ couſa he o Odio, & quanto pera fugir; pois, de ordinario, faz que atè o Açucar pareça Fel, e fino Roſalgar o Mel. Como bem claro, muitas vezes, ſe ve, quando a boa obra que hum inimigo a outro faz, elle por tal a naõ quer aceitar; antes, ao contrario, totalmente a deſpreza, & por roim a julga, e malicioſamente condena.

Do Aſno, & da Cobra.

PEdiraõ hũa vez os Homens a Jupiter, em pago de hum ſerviço, que feito lhe tinhaõ, que lhes fizeſſe merce, de que nũca envelheceſſem? O que elle de boamente

te lhes concedeo. E, assi, tomou a Mocidade, e pola sobre hum Asno; & mandou que a levassẽ a os Homens Indo, pois, o Asno seu caminho, chegou a hum Ribeiro, com sede, a beber. Mas estava, nelle, hũa Cobra, que lhe disse; que daquella agoa o naõ deixaria beber, se primeiro lhe naõ desse o que ás costas levava? O Asno, que naõ sabia o preço, como Asno que era, lhe deu a Mocidade, pola agoa. Peloque, dalli por diante, ficaraõ os Homens envelhecendo; e as Cobras, ao contrario, renovandose, cada anno.

Moralidade.

MOstra esta Fabula, que as cousas de importancia se naõ devem cometer a Homens parvos. Porque os que, como Cobras e Serpentes, saõ Cautos, Astutos, e Manhosos, com qualquer cousa vencem a os simples, tontos, e toleirõis; &, com sua sagacidade, fazem que facilmente descubraõ os segredos alheos, ou de todo desbaratem os negocios que lhes saõ cometidos. Pois, como Asnos, Burros, e Jumẽtos q̃ saõ, nẽ ẽtẽdẽ, nẽ attẽtaõ a ĩportãcia e gravidade dos hũs, nẽ

sabem, nem estimaõ o preço, nem a valia dos outros.

Do Corvo, & do Escorpiam

SAindo de sua Toca hum Escorpiaõ, viu o hum Corvo ir andando, e abatendo se logo a terra, arrebatou delle, e pelos ares o foi levando nas unhas. E, despois de voar hum grande espaço, lhe foi tanbem, por derradeiro, forçoso decerse a pousar no chaõ, pera á sua vontade comer o Escorpiaõ que caçara Mas o Escorpiaõ, vendose em seu Elemento, e tomando forças, picou a o Corvo, em maneira, que logo alli cahio morto: & elle se foi livre e ẽ paz.

Moralidade.

POr este Corvo se significaõ os que (como diz o Adagio) Vindo á buscar lãa, tornaõ trosquiados. Assi acõtece tãbẽ muitas vezes, que aquelle que arma a Trãpa, esse he o primeiro que nella cae; & o que ordena a Trayçaõ, esse he o primeiro que em poder de Traydores vem a morrer.

Do Ladram, & do Anjo.

DOrmindo hum Ladraõ ao longo de hũa parede, vio entre sonhos a hum Anjo

Anjo que o acordava, dizendo: Levantate, e guardate daqui. Acordou o Ladraõ, e, apartandose da parede, vio a vir, de subito, ao chaõ: & deste acontecimento ficou taõ alegre e soberbo, que creu que, por sua virtude, o guardara Deos. Mas, tornando a adormecer, vio outra vez a o Anjo, que lhe dizia: Naõ te ensoberbeças, que, se ontem te guardei, foi porque naõ era aquella a tua Morte, se naõ a da Forca, para que só estas guardado.

Moralidade.

NA Forca do Inferno vaõ sempre, por derradeiro, a parar os que, das merces que Deos lhes faz, tomaõ ocasiaõ de ainda maes o offẽder; e ainda, sobre isso, se fazerem mais soberbos. Esta Fabula nos avisa, e ensina que a muitos favorece Deus nosso Senhor, para seu proprio mal; & que muitos vivem de tal modo, que muito melhor lhes fora morrer. Peloque, escapando hum Philosopho de huma casa que, arrunhando caira, e matara a muita gente, disse, com muita humildade: O Ventura, Ventura! Pera que ocasiaõ me teras guardado?

Da Bicha, & do Cabrito.

ANdando pascendo huã Cabra, com hũ filho apos sy, pisou a caso com os pés a huã Bicha. Ella assanhada, e levantando hum pouco a cabeça, picou á Cabra em huã teta. Mas como o filho logo viesse a mamar, & chupasse com o leyte a peçonha da Bicha, salvou a Mãy; e elle, no mesmo instãte, logo alli morreu e acabou.

Moralidade.

MOstrase, nesta Fabula, o que nesta vida muitas vezes acontece; convem a saber, pagar o Justo pelo Peccador: como, aqui, pagou o filho pola mãy. Porque, não só muitos filhos são neste Mundo temporalmẽte castigados polos peccados dos Pays: mas tanbem, de ordinario, he o Mundo taõ cõtrario a os Justos, que (como o Poëta diz) Mata as Põbas, e cria os Corvos! Quer dizer, sustẽta aos Malinos, e persegue aos Innocentes. Que, com tudo, nunca em maneira nenhuã devẽ desesperar, pois sempre a Deus tem de sua parte, & tarde ou cedo os ha de livrar, e no Ceo para sempre galardoar; & a os Maos, por derradeiro, justamente e como

mo merecem, para sempre sem fim, infalivelmente os ha de castigar.

Da Raposa com o Leam.

TEndo hũa Raposa sua Cova bem fechada, e estandose dentro gemendo, porque estava enferma; Chegou à porta hum Leaõ, e perguntoulhe, como estava? Pedindolhe, juntamente, que lhe abrisse, que a queria lambér, porque tinha muita virtude na lingoa; & que, em a lãbendo, logo no mesmo instante avia desarar. A o que a Raposa, de dentro, respondeo: Créme, Senhor, que nem te posso, nem ainda muyto menos te quero abrir; & a razaõ he, porque ainda que bem creo que tua lingoa tem tanta virtude como dizes: he, porem, tam mà a vizinhança que com os dentes tem, que lhe tenho grandissimo medo. E, por tanto, antes quero com paciencia sofrer meu pequeno mal, doque, por taõ incerto e arriscado bem, meterme em tamanho e taõ certo perigo.

Moralidade.

AVisanos esta Raposa, que, quando nos offerecerem alguma obra boa, notemos pri-

primeiro muy bem todas as circunstancias della; antes que de todo nos deliberemos a aceitala. Pois, as vezes, saõ taes, que, sem comparaçaõ, vem a custar muito mais do que, em verdade, pode valer a obra pia, de que presente nos fazem. E que, reconhecendo o assi, em maneira nenhũa nos fiemos de quem cõ ella nos amaga; pois mais intẽta seu proveito e nossa perda, doque nosso bẽ & sua cãseira.

De Hercules com os Pigmeos.

EM terra dos Pigmeos, gente que quasi naõ chegava a dous palmos de estatura, estava, hũa vez, Hercules dormindo á sombra de hũa arvore, com sua Maça apar de si, e hũa Pele de Leaõ á cabeceira O que vindo á notitia dos Pigmeos, ajuntaraõse muitos delles, todos, de maõ commum, apostados a matalo; &, com este intento, foraõ todos com tanta furia a pegar delle, que logo acordou: & só enxotandoos com a Pele do Leaõ, como quem enxota Mosquitos, matou grande numero delles. E emtaõ, muy descansado, se tornou a deixar dormir. Moralidade.

ESta Fabula pos Alciato em seus Emblemas

blemas: & entende, por estes Pigmeos, Gente fraca, covarde, e temerosa que, naõ medindo bem suas forças, vẽ temerariamẽte a cometer cousas maiores do que cõ ellas podem acabar. E nace daqui, irritarem a quem os naõ busca; & virem assi, em fim, por sua propria culpa e louquice, a muy facil e parvoamente morrer e acabar ás maõs dos a quem d'antes queriaõ matar: ou a, pera sempre, ficar afrontados, corridos, & infamados.

Do Caçador, & da Bicha.

ANdando hum Caçador armando laços a os Gaviaẽs, e com a espingarda tanbem a matar a todos quantos pelas arvores via; Succedeo, que, trazendo o sẽtido e os olhos por ellas, acertou de, sẽ o saber, pisar com hũ pé a hũa Bicha: a qual o mordeo no calcanhar, de que logo inchou, e na mesma ora morreu. E estando assi acabando, disse: Por minha propria culpa morro, e com razaõ me castigou esta Bicha. Pois, estando na terra quem taõ facilmente podia matarme, eu me andava ocupando em querer matar a os que sobre as nuvens andavaõ. *Mo-*

Moralidade.

NEsta Fabula se reprende a bem escusada vaydade dos Astrologos, que taõ temerariamente querem adevinhar as cousas grandiosas do Ceo, não entendendo (pela maior parte) nem ainda as mais pequenas da Terra; & taõ parvoamente andão gastãdo o tempo em quererē com o entendimento caçar, alcançar, e, assi, saber as Mortes alheas, naõ entendendo nem prevendo nunca a sua. Nem (o que peior he) nunca se lembrando, e muito menos sabendo, como bem & Christãamēte para ella se devaõ aparelhar.

Da Cegarrega, & da Andorinha.

CRiando a Andorinha seus filhos, & buscandolhe de comer, tomou na boca huma Cigarra; & pedindolhe ella què a soltasse, e alegandolhe, para isso, que ambas eraõ conformes, por ambas serem musicas, e ambas cantarem sómente pelo veraõ: Respondeu a Andorinha: Pois só por isso mesmo, que tu te atreves a me arremedar, te matára eu; ainda que para isso outra causa naõ ouvera, nem meus filhos

lhos de ti nenhuã necessidade tiveraõ!

Moralidade.

Provase, nesta Fabula, que, O Official de teu Officio, esse he teu Inimigo; &, assi, tacitamente nos ensina, que nunca tanto dos taes nos fiemos, que nos venhaõ a colher entre os dentes. Pois, por mais que, entaõ, lhes roguemos, a elles nos humilhemos, e razoens lhes aleguemos, nunca nos soltaraõ sem primeiro fazerem a sua, e em tudo quãto puderem, nos destruirem e acabarem.

Do Soldado, & do Pipharo.

APosentado hum Soldado velho, e enfadado ja da Guerra, por de hũa vez se retirar de occasioẽs, assentou de queimar todas quantas armas tinha; & querẽdoo pór em effeito, achou entre ellas hum Pipharo, que muy encarecida e instantemente lhe rogava, que o naõ quisse queimar; dizendo, que elle nam era arma, nem instrumento de matar, nem de ferir a nimguem: peloque, naõ merecia nenhuã pena. Tu a mereces maior, respondeo o Soldado, & a ti te ei de queimar primeiro: por-

porque, naõ preſtando tu pera pelejar, cõ tudo, atiçavas as aos homens a que huũs aos outros, na peleja, ſe mataſſem. E, aſſi, logo ſem nenhuã piedade, o queimou tambem juntamente com as demais Armas.

Moralidade.

NA Figura deſte Piphare, ſe moſtra o Caſtigo que merecem algũs Covardes, que mais ſervem de urdirem Brigas com a lingoa, doque acharemſe nellas, quando a ocaſiaõ ſe offerece. E, aſſi, tomaõ o officio do Diabo, tecendo meadas, urdindo teas, e incitãdo a mal. Gente muy perniciosa na Republica, e que nos delitos que por ſeu caſo ſe fizeſſem, ouvera, em dobro, e ſem comparaçaõ, de ſer ainda mui mais riguroſamẽte caſtigada, doque os meſmos delinquentes que os cometem.

Do Homem, & da Burra.

CAvando hũ Homem trabalhador, em hũa Orta que tinha, ſem deſcanſar, de noite e de dia, em prantar Couves, e outras Ortaliças: tanto que hiaõ creſcendo, metia logo dẽtro hũa Burra, q̃ naõ fazia ſe-

naõ

naõ comerlhas e deſtruirlhas todas; pelo-que cadavez hia mais empobrecendo. Queixandoſe, pois, diſto a hum ſeu Vizinho, reſpondeulhe: De que vos queixaes? Vos meſmo tendes a culpa! pois andaes taõ cego, que naõ vedes que tudo, quanto trabalhaes, vos come e deſtrue aquella Burra, que em voſſa Orta meteis, e nella tanto á ſua vontade deixais andar. Trabalhai menos, e guardai bem della voſſa Ortaliça; &, aſſi, vos luzirá o trabalho, tereis que comer, e vivireis muy deſcanſado.

Moralidade.

NEſta Fabula ſe nos pinta, ao vivo, tanto o que de ordinario acontece a os Homens Amancebados, a quem as Mancebas tudo gaſtaõ e devoraõ; Como a os Caſados com Molheres Deſcabeçadas, que tudo lhes deſtruẽ e deſperdiçaõ. Cavaõ, ſuaõ, trabalhaõ, e canſaõ os pobres, triſtes, cegos, e coitados; & quanto mais ganhaõ e ajuntaõ, tanto mais ellas lhes acabaõ e conſumem. Mas, do que o Vizinho diſſe e aconſelhava ao Trabalhador, podem os taes muy bem aprender o que, neſta materia, para ſeu reme-

dio, lhes convem fazer: Convem a saber, Os Primeiros que para sempre se despidaõ e apartem das Mancebas, e d'ahi por diante fujaõ & evitem a conversaçaõ de todas as demais Mas Molheres: e vivaõ, assi, no estado Solitario, muy honesta, limpa, e virtuosamente, antes sós, que taõ mal acompanhados. Ou, naõ tendo, para isso, o dom da Continencia, procurem de buscar hũa Molher honrada, sesuda, prudente, virtuosa, honesta, vergonhosa, e avisada, com quem honradamente se possaõ casar, e assi com ella viver honrada, honesta, casta, pura, virtuosa, Christãa, exemplar, quieta, e descansadamente. Os Segundos, que tem Molheres Proprias e Legitimas, porẽ Loucas e Desbaratadas, que cõ mais recato olhem e attentem melhor por sua fazenda, e com mais prudencia as obriguem a naõ quererem gastar mais do que tem, e do que podem: (pois Deus nosso Senhor, para isso, lhes tem dado assaz de autoridade) e naõ as deixem, assi, nunca sair com a sua, antes sempre as retenhaõ em boa, honesta, Christãa, e discreta sugeiçaõ; se he que, deveras, querem e desejaõ

jaõ que lhes luza o que trabalhaõ: quando naõ, como burras desattentadas e brutas, que saõ, tudo quanto tem e grangeaõ de todo lhes acabaraõ, e destruiraõ.

FIM DE ESOPO PORTUGUES.

INDICE
Das
FABULAS.

da

de

Licenças.

POde se imprimir, e de novo correr, este Livro, vistas as Licenças do S. Officio, e do Ordinario; & naõ aver nelle cousa alguã contra nossa Sancta Fé e bons Costumes: antes muy bons e sanctos ensinos, muy christaõs e saudaveis avisos, muy prudentes e discretos conselhos, e muy excelentes e proveitosos exẽplos, muy dignos de de todos serẽ lidos, bẽ notados, e melhor imitados. Em Lisboa 13. *de Mayo, de* 1621. *&* 16.*e* 19.*do mesmo, de* 1643.

Fr. Tomas de S. Domingos. *Magister*.
Gama. Antonio Cabral.
Fr. Diogo Ferreira. *Magister*.
O Bispo de Targa. Fr. Joaõ de Vascõcellos.
O D. Fr. *Adriaõ* Pedro. Sebastiaõ Cæsar.

Ao Cortes, Discreto, e Curioso LEITOR.

AS Erratas saõ, neste Livrinho, tam poucas e de taõ pouco momento, què nẽ escurecem, nem perturbaõ ò sentido; pois sò averà em algũs, porem ẽ bẽ poucos lugares, alguã letra de menos, ou de mais, ou huã por outra; & em alguns pontos e virgulas, que naõ estaõ em seu proprio lugar. O que tudo, o curioso Leitor, muy bem poderà notar, e muy facilmente emmendar.





